

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO –
MESTRADO E DOUTORADO

VITÓRIA CRIVELLARO SANCHOTENE

**PERCURSOS E MEMÓRIAS ESPORTIVAS DAS ATLETAS DA SELEÇÃO
BRASILEIRA FEMININA DE VOLEIBOL SENTADO**

PORTO ALEGRE

2019

VITÓRIA CRIVELLARO SANCHOTENE

**PERCURSOS E MEMÓRIAS ESPORTIVAS DAS ATLETAS DA SELEÇÃO
BRASILEIRA FEMININA DE VOLEIBOL SENTADO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janice Zarpellon Mazo

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Sanchotene, Vitória Crivellaro
PERCURSOS E MEMÓRIAS ESPORTIVAS DAS ATLETAS DA
SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA DE VOLEIBOL SENTADO /
Vitória Crivellaro Sanchotene. -- 2019.
90 f.
Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Voleibol Sentado. 2. Jogos Paralímpicos. 3.
Esporte Paralímpico. 4. Pessoa com Deficiência. 5.
História do Esporte. I. Zarpellon Mazo, Janice,
orient. II. Título.

VITÓRIA CRIVELLARO SANCHOTENE

**PERCURSOS E MEMÓRIAS ESPORTIVAS DAS ATLETAS DA SELEÇÃO
BRASILEIRA FEMININA DE VOLEIBOL SENTADO**

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Aline Miranda Strapasson - UFRGS

Prof. Dr. Guy Ginciene – UFRGS

Prof. Dr. Marcelo de Castro Haiachi – UFS

Orientadora - Prof^a. Dr^a. Janice Zarpellon Mazo - UFRGS

Com amor dedico esta dissertação de mestrado à minha mãe Ângela, ao meu pai Rogério e a minha irmã Virgínia por serem meus maiores incentivadores na vida.

AGRADECIMENTOS

Em minha caminhada não estive só e, por isso, faço esses agradecimentos, com muito carinho, como forma de reconhecer a importância de ter pessoas e instituições que contribuíram nas etapas que vivi para chegar até esse momento.

Meu profundo agradecimento à minha família pelo amor incondicional e apoio. Especialmente à minha querida mãe por toda a ajuda sempre que precisei de forma inenarrável, meu parceiro pai pela forma única de estar ao meu lado como um pilar para eu seguir em pé e à minha dedicada irmã pelos finais de semana de produção científica, correção dos meus escritos e por ser meu maior exemplo na vida. Agradeço por compartilharem comigo este caminho, lendo meus trabalhos, me ouvindo ensaiar apresentações, entre outras tantas participações nessa caminhada.

A minha orientadora Professora Doutora Janice Mazo, primeiramente por ter me oportunizado conhecer mais sobre o esporte adaptado para pessoas com deficiência, por ter me incentivado a desbravar caminhos dentro da História do Esporte e por ter me acompanhado, orientado e amparado de forma incansável em todas as etapas desse processo, sendo uma professora exemplo para mim.

Ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), que me acolheu no segundo semestre de 2017. Levo com carinho cada aprendizado que obtive e cada momento de amizade com as(os) colegas. Foram dois anos de muito conhecimento e troca com os integrantes pesquisadores que me fizeram evoluir como pessoa, pesquisadora e professora. Em especial, agradeço à Alice, à Giandra e à Tuany pela parceria desde o início.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela alegria de ser aluna nas graduações (licenciatura e bacharelado em Educação Física), bem como no mestrado e especialização no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), com um ensino gratuito de alto nível. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por contribuir para o êxito da minha pesquisa.

Às atletas participantes da pesquisa Ádria, Jani, Gizele, Suellen e Paula por colaborarem para meus estudos, fornecendo seus depoimentos acerca de suas memórias no voleibol sentado. Ao Ângelo, Presidente da Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes, por possibilitar a realização da coleta de dados, bem como comunicação e suporte quando precisei. Ao José Agtônio Guedes, treinador da seleção brasileira feminina de voleibol sentado.

Aos professores da instituição que tive momentos de compartilhamento de ideias e conhecimento. Agradeço aos professores doutores Marcelo Haiachi, Guy Ginciene e Aline Strapasson por aceitarem contribuir para o trabalho como membros avaliadores da banca. Agradeço ao professor doutor José Cícero Moraes pelo incentivo desde a minha primeira graduação, por ter me introduzido no meio acadêmico e me acompanhado até hoje.

Aos meus amigos por cultivarem em mim um sentimento puro e leve, por me entenderem quando não posso me fazer presente em eventos e por estarem comigo em todos os momentos. Por fim, aos meus alunos.

Gratidão!

RESUMO

O voleibol sentado é um esporte adaptado para pessoas com deficiência física, que faz parte dos Jogos Paralímpicos desde a edição realizada no ano de 1980, na cidade de Arnhem, na Holanda. Após duas décadas, em 2002, ao que apontam os indícios, ocorreu a introdução da prática do voleibol sentado no Brasil. No ano seguinte, houve a organização das seleções brasileiras de voleibol sentado, feminina e masculina, visando disputar os Jogos Parapan-Americanos, na cidade de Mar Del Plata, na Argentina, em 2003. Após quase uma década da estruturação da primeira seleção brasileira feminina de voleibol sentado ocorreu a estreia em Jogos Paralímpicos, no ano de 2012, em Londres, na Inglaterra. Logo, na edição seguinte, em 2016, no Rio de Janeiro, a seleção brasileira feminina de voleibol sentado conquistou medalha de bronze. Frente a isto, a pesquisa tem como objetivo delinear os percursos de atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado que participaram de Jogos Paralímpicos nas edições de 2012, em Londres, e de 2016, no Rio de Janeiro. O pressuposto que norteia a investigação é que o pioneirismo de mulheres atletas carece de ser estudado por meio de um viés histórico e sociocultural, especialmente no âmbito do esporte paralímpico. Além disso, trata-se de atletas que acompanharam o desenvolvimento da modalidade de voleibol sentado no país, cujas memórias esportivas podem trazer indícios para a construção de um retrato não apenas do voleibol sentado, mas do esporte paralímpico de alto rendimento no Brasil. Para tanto, após proceder a revisão bibliográfica sobre o tema, informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas com cinco atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado. As entrevistas gravadas, transcritas e analisadas, foram confrontadas com as demais informações coletadas. A investigação demonstrou que a prática do voleibol sentado contribui para as mulheres com deficiência em relação aos aspectos psicológicos, sociais e físicos. As atletas denotam emoção pela oportunidade de conhecer o voleibol sentado e, principalmente, pela participação em Jogos Paralímpicos. Os relatos das atletas destacaram que a educação física escolar influencia para uma melhor iniciação da modalidade, também que os treinadores desenvolvem papel de destaque em suas memórias relacionadas a esse início na prática do voleibol sentado. Fica evidente para as atletas que há contribuição das principais competições como fator influenciador na continuidade de suas carreiras.

Palavras-chave: Voleibol Sentado, Jogos Paralímpicos, Mulheres, Pessoa com Deficiência, Esporte Paralímpico, História do Esporte.

ABSTRACT

Sitting Volleyball is a sport adapted for people with disabilities, which has been part of the Paralympic Games since its 1980 edition in the city of Arnhem, Netherlands. After two decades, in 2002, according to the evidence, the practice of Sitting Volleyball was introduced in Brazil. The following year, Brazilian women's and men's Sitting Volleyball teams were organized in order to participate in the Parapan American Games, in the city of Mar Del Plata, Argentina, 2003. Almost a decade after the structuring of the first Brazilian women's Sitting Volleyball team, it took part in Paralympic Games, in London 2012, England. In the next edition, 2016, in Rio de Janeiro, the Brazilian women's Sitting Volleyball team won a bronze medal. In view of the above-mentioned information, this research aims to delineate the paths of athletes of the Brazilian women's Sitting Volleyball team that participated in 2012 Paralympic Games, in London, and 2016, in Rio de Janeiro. The guiding assumption of the study is the demand for a historical and sociocultural investigation about the pioneering spirit of female athletes, especially in the context of Paralympic sport. In addition, they are athletes who have followed the Sitting Volleyball development in the country, and whose sporting memories may provide evidence for the construction of a portrait not only of Sitting Volleyball, but of the high-performance Paralympic sport in Brazil. Therefore, after proceeding with the literature review, information was collected through semi-structured interviews with five athletes from the Brazilian women's Sitting Volleyball team. The recorded interviews, transcribed and analyzed, were confronted with the other information collected. Research has shown the practice of Sitting Volleyball contributes to women with disabilities regarding psychological, social and physical aspects. The athletes denote emotion in front of the opportunity to know the Sitting Volleyball and, mainly, to participate in Paralympic Games. The athletes' reports highlighted the influence of physical education at school for a better initiation of the Sitting Volleyball, also that the coaches play a prominent role in their memories related to the beginning of the sports practice. It seems evident to the athletes the contribution of the main competitions as an influencing factor in the continuity of their careers.

Key words: Sitting Volleyball. Paralympic Games. People with Physical Disabilities. History of Sports. Paralympic Sport. Women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Panorama histórico do voleibol sentado com ênfase no Brasil.....	35
Figura 2 – Classe esportiva VS1 (D) e classe esportiva VS2 (MD).....	37
Figura 3 – Adaptações de regras do voleibol sentado.....	38
Figura 4 – Abraço entre atleta com deficiência adquirida e membro da comissão técnica da seleção brasileira de voleibol sentado.....	45
Figura 5 – Registro de união e força na equipe da seleção brasileira feminina de voleibol sentado.....	48
Figura 6 – Atletas em uma partida nos Jogos Paralímpicos de 2016.....	52
Figura 7 – Medalha de prata da seleção brasileira feminina de voleibol sentado no Campeonato Pré-Mundial de Voleibol sentado de 2017.....	56
Figura 8 – Delegação brasileira feminina de voleibol sentado nos Jogos Paralímpicos do Rio 2016.....	59
Figura 9 – Delegação brasileira feminina de voleibol sentado nos Jogos Paralímpicos de Londres 2012.....	60
Figura 10 – Atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado na cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos de 2016.....	62
Figura 11 – Seleção brasileira no Campeonato Mundial na China.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características das participantes da pesquisa.....	29
Quadro 2 – Tempo de entrevista.....	29
Quadro 3 – Momentos da coleta das informações.....	30
Quadro 4 – Competições que as atletas destacam em seus percursos esportivos..	57
Quadro 5 – Listagem de estudos sobre voleibol sentado achados em plataformas de buscas.....	85
Quadro 6 – Listagem de artigos sobre voleibol sentado em periódicos da área da Educação Física.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABVP - Associação Brasileira de Voleibol Paraolímpico

ADFEGO - Associação dos Deficientes Físicos do Estado de Goiás

CETE - Centro Estadual de Treinamento Esportivo

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPB - Comitê Paralímpico Brasileiro

E.E.E.M. Pe. Reus - Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus

ESEFID - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

FGV - Federação Gaúcha de Voleibol

FIVB - *Federation Internationale Volleyball*

GNG - Grêmio Náutico Gaúcho

GNU - Grêmio Náutico União

IPC - *International Paralympic Committee*

SESI - Serviço Social da Indústria

SOGIPA - Sociedade Ginástica de Porto Alegre

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PREÂMBULO

Minha história com o voleibol convencional iniciou como prática esportiva escolar, na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus (E.E.E.M. Pe. Reus), no turno inverso ao das aulas regulares como disciplina de educação física, no período de 2007 até 2009. Comecei minha trajetória como atleta no Grêmio Náutico Gaúcho (GNG) e no Centro de Treinamento Esportivo (CETE), no ano de 2007, juntamente com o treino escolar. Depois, pude participar de clubes federados e me tornar atleta de alto rendimento, treinando 3 horas por dia (1h de preparação física e 2h de treino com bola), quatro dias por semana, na Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA) de 2007 a 2014; no Grêmio Náutico União (GNU) em 2015 e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 2012 a 2015. Até os dias atuais me mantenho praticante desta modalidade, participando de campeonatos amadores e amistosos.

Este esporte me oportunizou experiências culturais e sociais, como viagens com as equipes, através das quais conheci cidades tanto do estado do Rio Grande do Sul quanto fora dele. Então, fui percebendo que o esporte me oferecia além de preparo físico e desempenho técnico-tático no voleibol, uma vivência única de relacionamento interpessoal, estabelecendo vínculos de amizade que me acompanham até hoje, momentos de superação e de união que passei junto com o time, além das oportunidades de conhecer culturas de outras regiões. O esporte me proporcionou crescimento pessoal, relacional e profissional.

No ano de 2012, fiz o curso de avaliação técnica e digitadora de análise de desempenho em voleibol, do sistema de avaliação técnico/estatístico da SC Consultoria, possibilitando-me atuar como estatística da Superliga de 2012/2 a 2015/1. No ano de 2015, fiz o curso de arbitragem da Federação Gaúcha de Voleibol (FGV) e hoje sou Árbitra Regional da FGV. Minha atuação como árbitra no Circuito Nacional de Vôlei de Praia dos Surdos, em 2016 foi essencial para minha aproximação com o esporte adaptado. Simultaneamente a essas experiências, tive a possibilidade de, após cursar como aluna, acompanhar como ouvinte a disciplina de voleibol (ESEFID/UFRGS) no ano de 2014, tornando-me monitora desta disciplina de 2015 a 2017, sob orientação do professor doutor José Cícero Moraes.

Considero-me pesquisadora de voleibol desde o início de 2015, fazendo os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura e do Bacharelado em Educação Física sobre este esporte. Em 2015 e 2016, estudei o voleibol olímpico, e desde o ano de 2017 me proponho a estudar também o voleibol paralímpico. No meu TCC da licenciatura estudei os atletas da categoria infanto-juvenil das equipes da SOGIPA e do GNU sobre o principal incentivador para a inserção na prática esportiva de alto rendimento, resultando em um maior índice referente à família. No TCC do bacharelado me dediquei a estudar as pesquisas publicadas em português,

nos periódicos brasileiros, no período de 2012 a 2016/2, que se propusessem a tratar do assunto voleibol sentado, resultando em apenas oito trabalhos, evidenciando a baixa produção existente acerca dessa modalidade no país.

Concomitantemente à prática do voleibol como atleta, árbitra e monitora da disciplina de voleibol da graduação, bem como com os estudos sobre a modalidade, nos meus TCCs da licenciatura e do bacharelado, pude atuar como treinadora. A primeira equipe na qual trabalhei como treinadora foi a da Atlética da Escola Superior de Propaganda e Marketing, no ano de 2014, e a segunda foi da Atlética do curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2016, entre outras experiências de treinadora que tive por convites de colegas quando precisavam de alguém para substituição.

No ano de 2018 fiz o Curso de Treinadores Nível II da Confederação Brasileira de Voleibol, na cidade de Caxias do Sul. Neste mesmo ano, tive a oportunidade de acompanhar, a convite da Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes, o Campeonato Brasileiro Feminino de Voleibol Sentado em Goiânia e de participar do Curso para Treinadores de Voleibol Sentado ministrado pelo treinador da Seleção Masculina de Voleibol Sentado do Irã, Hadi Rezaeigarkani.

No segundo semestre do ano de 2018 iniciei no curso de Especialização em Técnico Desportivo, em Porto Alegre, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Continuo no meu processo de ensino-aprendizagem, procurando me manter informada com os estudos atuais, fazendo mestrado e especialização, além de estar em cursos e aperfeiçoamentos em outros espaços da Universidade e para além dela. Essa dissertação de mestrado incentivou a me manter nos estudos dos esportes e me fez vislumbrar alcances maiores, então compreendo que este estudo me fez amadurecer como pesquisadora e, também, contribui para minha atuação profissional na Educação Física.

Assim sendo, pretendo com este trabalho contribuir para a diminuição do hiato existente por conta da escassa produção encontrada acerca do voleibol sentado no Brasil. Reconheço a importância do estudo dos esportes para pessoas com deficiência, para o desenvolvimento de uma produção mais ampla de saberes nessa área. Através dessa perspectiva, contribuir para a valorização e difusão dessa prática esportiva, bem como para a inserção da pessoa com deficiência no esporte. Por fim, objetivo colaborar para o aperfeiçoamento dos profissionais que trabalham com esporte e contribuir com a visibilidade das mulheres na prática esportiva paralímpica. Finalizo entendendo que, dentro da minha formação acadêmica, esta pesquisa e minha trajetória no mestrado foram o início da minha participação para contribuir com essa modalidade no estado e no país.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	26
4 UM PANORAMA HISTÓRICO DO VOLEIBOL SENTADO.....	33
5 AS VERSÕES DAS ATLETAS SOBRE O VOLEIBOL SENTADO NO BRASIL...39	
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	76
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	83
APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	84
APÊNDICE C – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE O VOLEIBOL SENTADO DE ALTO RENDIMENTO NO BRASIL.....	85
APÊNDICE D – PUBLICAÇÕES DE ARTIGOS EM PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	87
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	88

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre os percursos esportivos de atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado¹ que participaram das edições dos Jogos Paralímpicos ocorridas nos anos de 2012 e 2016. Cabe esclarecer que a seleção brasileira feminina de voleibol sentado é a seleção nacional adulta profissional, a qual é organizada e gerenciada pela Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes (CBVS). O voleibol sentado é um esporte paralímpico² que, de acordo com *site* da Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes (CBVD)³, é praticado no Brasil desde o ano de 2002, por homens e mulheres que apresentam algum tipo de deficiência física⁴. De acordo com Carvalho, Gorla e Araújo (2013), o ano de 2002 é o marco inicial da prática do voleibol sentado no Brasil, quando o professor Ronaldo Gonçalves de Oliveira organizou um torneio oficial na cidade de Mogi das Cruzes, no estado de São Paulo.

No ano seguinte, em 2003, houve a fundação da Associação Brasileira de Voleibol Paraolímpico (ABVP) e, também, foram estruturadas as primeiras seleções brasileiras, a masculina e a feminina, de voleibol sentado. Nesse mesmo ano, 2003, as seleções masculina e feminina competiram nos Jogos Parapan-Americanos, em Mar Del Plata, na Argentina. A partir de então, estas seleções competiram em outros eventos, conquistando resultados positivos em muitas de suas participações⁵

¹ Conforme Holden, Forester e Blake descrevem no *site* da *National Center on Health, Physical Activity and Disability*, a modalidade de voleibol sentado foi criada na Holanda, em 1956, como meio de reabilitação de pessoas que obtiveram algum tipo de deficiência durante a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <https://www.nchpad.org/> Acesso em: 03/06/2019. De acordo com Gioia, Silva e Pereira (2008), afirmam que o voleibol sentado teve influência da modalidade chamada de *Sitzball*, esporte jogado sentado, sem rede, mas que exigia pouca mobilidade dos praticantes, originário da Alemanha. Deste modo, resolveu-se combinar o voleibol convencional com o *Sitzball*, surgindo o voleibol sentado para melhor dinâmica de jogo.

² O esporte paraolímpico e também dito esporte paralímpico é a forma institucionalizada de manifestação do esporte de rendimento para pessoas com deficiência. Neste sentido, cabe referir que considera-se pessoa com deficiência “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.” (Artigo 1, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ONU, 13/12/06; BRASIL, 2008, p. 27). Vale mencionar que o termo esporte paralímpico é utilizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), desde o ano de 2011.

³ Disponível em: <http://cbvd.org.br/>. Acesso em: 01 de julho de 2019.

⁴ A deficiência física caracteriza-se pela diminuição da força muscular, limitações de movimentos, limitações nos membros, diferença no comprimento de membros, baixa estatura, hipertonia, ataxia, atetose (IPC, 2015).

⁵ A seleção brasileira masculina de voleibol sentado conquistou medalha de ouro nos Jogos Parapan-Americanos no ano de 2007 na cidade do Rio de Janeiro (Brasil) e obteve a segunda colocação nos

(CARVALHO; GORLA; ARAÚJO, 2013). Tais competições foram importantes para que quase uma década após a introdução da prática do voleibol sentado no Brasil, se efetivasse a participação das seleções brasileiras, masculina e feminina, de voleibol sentado em Jogos Paralímpicos.

A primeira participação brasileira nas competições de voleibol sentado em Jogos Paralímpicos ocorreu quase 30 anos depois que a modalidade integrava o rol dos esportes paralímpicos⁶. A seleção brasileira masculina participou dos Jogos Paralímpicos de 2008, em Pequim (China), onde conquistou o sexto lugar na competição. A participação da primeira seleção brasileira feminina de voleibol sentado ocorreu somente na edição seguinte, nos Jogos Paralímpicos de 2012, em Londres (Inglaterra), após ter conquistado a vaga para participar do evento devido ao resultado obtido nos Jogos Parapan-Americanos de 2011, em Guadalajara (México).

Nos Jogos Paralímpicos de 2012, a seleção brasileira feminina de voleibol sentado terminou a competição em quinto lugar dentre oito países⁷. Porém, na edição seguinte, nos Jogos Paralímpicos Rio 2016, ganhou destaque no cenário do esporte paralímpico internacional, conquistando o terceiro lugar na competição disputada entre oito países. Assim, obtendo a medalha de bronze e logo na segunda participação em Jogos Paralímpicos, as atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado conquistaram certa visibilidade⁸. Ainda assim, as atletas brasileiras de voleibol sentado apresentam pouco espaço nas mídias.

Consideramos que essa modalidade possui potencial para ser ainda mais difundida na sociedade contemporânea brasileira – sabendo que, atualmente, não há equipes ou grupos de praticantes de voleibol sentado em muitos estados brasileiros – e, também, no viés acadêmico, visto que os estudos nessa área ainda são reduzidos. Porém, aos poucos, há um aumento no investimento dos esportes paralímpicos no país (MARQUES *et al.*, 2013). Para Sanchotene e Mazo (2018, p.

Jogos Parapan-Americanos do ano de 2003, em Mar del Plata (Argentina). Logo, a seleção brasileira feminina de voleibol sentado, conquistou medalha de prata nos Jogos Parapan-Americanos de 2003, em Mar del Plata (Argentina).

⁶ Foi na edição dos Jogos Paralímpicos de 1980, realizada na cidade de Arnhem, na Holanda, que sucedeu a primeira competição de voleibol sentado. Antes disso, nos Jogos Paralímpicos, do ano de 1976, no Canadá, a modalidade foi apresentada como esporte de exibição.

⁷ Resultados melhores foram conquistados pela seleção brasileira feminina de voleibol sentado, anos depois nos Jogos Parapan-Americanos de 2015, em Toronto (Canadá), quando conquistou a medalha de prata.

⁸ Ressalta-se que a seleção masculina de voleibol sentado ficou em quinto lugar nos Jogos Paralímpicos de 2012, e no ano de 2016 terminou a competição em quarto lugar.

573), “a prática do esporte adaptado e paralímpico atuam como meio de socialização e conscientização de todos os alunos e indivíduos, não apenas daqueles que tem deficiência”, podendo ser mais alastrado e desenvolvido em escolas, universidades, clubes e associações. A prática do voleibol sentado pode trazer maiores benefícios para uma sociedade que se propõe inclusiva, atendendo as pessoas com deficiência em seu direito de se sentirem ativas e cidadãos de modo igualitário. Além disso, o voleibol sentado como manifestação de alto rendimento é a segunda forma mais praticada de voleibol no mundo e, atualmente, de acordo com o *site* da *World ParaVolley*⁹ (2019), talvez seja a forma adaptada do voleibol mais conhecida no mundo, visto que a adaptação das regras desta modalidade se dá como uma alternativa para inserção de atletas com deficiência física ou locomotora.

Após essas considerações introdutórias relacionadas a modalidade do voleibol sentado no Brasil, apresento o objetivo geral da pesquisa: delinear os percursos de atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado que participaram de Jogos Paralímpicos nas edições de 2012, em Londres, e de 2016, no Rio de Janeiro. Com o propósito de buscar respostas para o objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) Descrever o contexto histórico do voleibol sentado de alto rendimento praticado por mulheres no Brasil; b) Apresentar como ocorreu a inserção das atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado na prática esportiva; c) Identificar os motivos da permanência das atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado na prática esportiva.

Para atender os objetivos propostos, coletaram-se informações por meio de entrevistas semiestruturadas com atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado, participantes dos Jogos Paralímpicos Londres 2012 e Rio 2016, sendo essas as duas únicas edições, até o momento, em que a seleção brasileira feminina participou da referida competição. Optamos por entrevistar atletas mulheres como forma de enfatizar a temática da mulher atleta com deficiência no ambiente do esporte, dando visibilidade ao tema. Begossi e Mazo (2016, p. 144) desenvolveram um estudo histórico sobre mulheres atletas paralímpicas, percorrendo sobre os percalços existentes no campo esportivo brasileiro às atletas mulheres com deficiência e sobre como elas persistiram diante da falta de incentivos, as

⁹ Disponível em: <http://www.worldparavolley.org/disciplines/sitting-volleyball/>. Acesso em: 12/04/2019.

insuficientes condições de treinamento, dentre outros entraves para a prática da modalidade.

De acordo com a análise que foi realizada sobre a literatura que versa sobre a prática esportiva do voleibol sentado, há uma escassez de estudos nessa área do alto rendimento no Brasil. Sanchotene e Mazo (2018) demonstraram que, na literatura nacional, existem mais estudos voltados à inclusão social em escolas quando se trata de voleibol sentado, do que à vertente do alto rendimento desta modalidade paralímpica. O estudo de Sanchotene, Haiachi e Mazo (2018) mostrou que, embora o voleibol sentado esteja dentre os esportes paralímpicos mais pesquisados, no que diz respeito às mulheres atletas, ainda há poucas investigações. Isto pode ser observado, inclusive, nas regiões sudeste e sul do Brasil, onde há maior número de publicações sobre o esporte adaptado e o esporte paralímpico nos periódicos brasileiros da Educação Física, quando comparado as demais regiões brasileiras, conforme mostrou a pesquisa de Schmitt *et al.* (2017). De tal modo, Begossi e Mazo (2016, p. 144), afirmam que a carência de estudos relacionados a temática das mulheres atletas no esporte paralímpico pode dar uma “falsa impressão de que elas não tiveram protagonismo”.

O presente estudo pretende contribuir para a diminuição das lacunas supracitadas, contribuindo à preservação da memória do esporte paralímpico brasileiro, principalmente, por meio da produção de fontes orais sobre as mulheres atletas da seleção brasileira feminina do voleibol sentado. Espera-se, também, asseverar a importância do voleibol sentado no processo de empoderamento de mulheres com deficiência em um país que, durante quase 40 anos circunscreveu a prática de esportes convencionais às mulheres. Tal imposição legal teve suas ressonâncias de forma mais contundente no acesso a prática esportiva pelas mulheres com deficiência.

Justifica-se, ainda este estudo através de dados numéricos que alertam sobre a quantidade de pessoas com deficiência no Brasil. De acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, cuja sigla é - IBGE (IBGE, 2010), no item “população residente por tipo de deficiência permanente”, o total de 13.265.599 pessoas acusaram ter algum tipo de deficiência física, a qual é denominada pelo IBGE de deficiência motora. Deste total, 45.774.392 pessoas indicaram ter algum tipo de deficiência visual e 2.611.536 pessoas mencionaram ter algum tipo de

deficiência intelectual. Além disso, um total de 45.606.048 pessoas apontaram a opção de ter “apenas uma das deficiências investigadas”. Diante desse cenário, reconhecemos que a prática esportiva, seja no lazer ou no viés do alto rendimento, é um dos meios para a inclusão social das pessoas com deficiência.

Este trabalho se encontra estruturado em sete capítulos, além deste introdutório. No primeiro, intitulado Referencial Teórico, apresentamos os conceitos que embasam as interpretações do estudo. Em seguida, no segundo, versamos sobre os Pressupostos Metodológicos, explicitando como foi feita a coleta de dados e a apreciação dos mesmos. No terceiro capítulo, iniciamos com um panorama histórico do voleibol sentado e apresentamos, em seguida, os Resultados e a Discussão acerca das versões das atletas sobre o voleibol sentado no Brasil, dividido em quatro subcapítulos intitulados: a) Iniciação da prática esportiva pelas atletas; b) Percursos de mulheres no voleibol sentado; c) Participação das atletas em Jogos Paralímpicos; d) Suportes financeiros às atletas do voleibol sentado. Finalizamos o trabalho com as Referências utilizadas na pesquisa, os Apêndices e o Anexo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos da História Cultural, recorrendo a autores como Burke (2005), Chartier (1988) e Pesavento (2003, 2004), bem como, para abordar a memória no âmbito do esporte, utilizamos os escritos de Ferreira (2002), Le Goff (1990) e Lopez (2008). Utilizamos-nos da historiografia partindo de uma compreensão de que esta apresenta versões acerca de processos históricos, em que as experiências e vivências individuais e coletivas devem ser valorizadas. Visto que, no Brasil, o voleibol sentado emergiu nos primeiros anos do século XXI, consideramos importante complementar a pesquisa sob a ótica da História Cultural, buscando compreender um fenômeno do mundo contemporâneo e trazendo as versões das atletas da seleção brasileira de voleibol sobre seus percursos na prática esportiva paralímpica. Entendemos que as atletas são personagens protagonistas nos cenários que envolvem o esporte e, portanto, faz-se significativo seus depoimentos.

De acordo com Chartier (1988), a história singulariza-se pelo fato de manter uma relação com a verdade por meio de relatos, pretendendo reconstituir e tornar compreensível um passado. Essa reconstituição se faz por meio de “indícios, isto é, da realidade reconhecida a partir de seus vestígios” (CHARTIER, 1988, p. 85). O autor mostra que por se tratar de experiências vividas, a história não assegura a objetividade da disciplina, pois trabalha com incertezas do conhecimento produzido. Sendo assim, deve-se “encarar como possíveis, prováveis, verossímeis” (CHARTIER, 1988, p. 86) as relações das representações com as práticas passadas. Todo discurso histórico que se embasa nessa perspectiva da História Cultural se funda na constituição de representações – a partir de vestígios diversos – e nas relações entre as representações estabelecidas e as práticas culturais. Nessa pesquisa, os vestígios são trazidos pelas atletas por intermédio de fontes orais adquiridas para tal.

Tais vestígios se apresentam para nós através de materiais de pesquisa. Para Barros (2012), a fonte histórica é tudo aquilo que produz vestígios que pode proporcionar a compreensão do passado. Ao longo de seu artigo sobre fontes históricas, explicita que a História tradicional lida com crônicas e registros arquivísticos que na historiografia (a qual nos embasamos nesta pesquisa) existe

uma busca por novas fontes para obter evidências, informações e discursos a serem interpretados. Para o autor, a fonte pode ser constituída por memórias, registros, testemunhos e de documentos textuais como, por exemplo, correspondências. Assim, ao coletar fontes orais com as atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado, obtemos empirismo e ineditismo para a pesquisa para verificar representações culturais e práticas que as participantes narraram.

Deste modo, faz-se necessário elucidar as compreensões de representações culturais e práticas, visto que estas noções permearam a pesquisa. Segundo Burke (2005), a História Cultural caracteriza-se por ser uma história que a cada vez narrada verifica-se que não é estável, colocando que esta se encontra em perpétua transformação. O autor apresenta que “representação” é um conceito central da História Cultural. Deste modo, o autor diz que a cultura era, inicialmente, ligada às ciências e às artes, porém, indica que a palavra cultura se encontra como um conceito mais amplo, relacionado a artefatos (imagens, ferramentas, casas, e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar).

Portanto, as práticas esportivas são objeto de estudo da História Cultural. Complementando, o autor explica que as representações culturais podem ser expressas de diferentes formas, inclusive pelas práticas esportivas (BURKE, 2005). Cada indivíduo percebe as situações e o mundo ao seu redor a partir de sua própria visão, somado ao ambiente e suas experiências, por isso considerada como uma história própria, não que necessariamente a visão individual venha antes do ambiente nessa construção. Desta forma, há um entendimento de que a representação cultural é a forma de entender os fenômenos e as práticas que ocorreram no passado. Portanto, influenciada por vários fatores, cada pessoa produz as suas representações culturais, sendo elas individuais e interpretando a realidade a partir de suas concepções históricas, culturais e socialmente construídas. Culturas são diversas, assim como as interpretações e conjuntos de ideias sobre os processos. Com isso, consideramos que existem diferentes formas de representações e elas estão em permanente modificação e incremento, compreendo que desenvolver estudos com esse viés possibilita pensar as realidades em uma forma plural, abrangendo os diferentes contextos e processos históricos.

Com esta concepção acerca de representações culturais, a História Cultural não procura verdades absolutas e nem generalizações, mas entendimentos e versões a serem contadas por pessoas, propondo explicar, no formato plural, realidades, onde não há apenas uma realidade e sim um conjunto delas. Pesavento (2004, p. 9) elucida que há uma “ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas”. Para a autora, o pesquisador em história que se utiliza da História Cultural pretende “traduzir o mundo a partir da cultura” incluindo uma temporalidade transcorrida, com caráter de apresentar e descrever evidências do passado, a partir de uma narrativa histórica, ou seja, um entendimento memorável. Pesavento (2003) diz que, na História Cultural, quem produz as fontes trabalha com a fabricação da memória e, muitas vezes, presentifica ausências. Sendo assim, nesta pesquisa, investigamos representações acerca da prática esportiva do voleibol sentado pelo processo de relatos das percepções das atletas sobre eventos passados.

Complementando a compreensão de história, o autor Barros (2011), em seu artigo intitulado “A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos”, desdobra as noções complementares acerca das “práticas” e “representações”. O autor descreve que com a manifestação de uma História Cultural, emergida no século XX, conceberam-se essas noções que relacionam a história com outros campos, como por exemplo, o “da antropologia, da linguística, da psicologia ou da ciência política” (p. 39) e, podemos complementar, com o campo da educação física. Ainda, o autor coloca que as “práticas” e as “representações” seriam correspondentes respectivamente aos “modos de fazer” e aos “modos de ver” (p. 46).

Neste estudo abrangemos as práticas do esporte, ou seja, uma prática esportiva que é a da modalidade paralímpica do voleibol sentado. Desta forma, as práticas esportivas geram representações para os personagens que constituem a seleção brasileira feminina de voleibol sentado e, de acordo com Barros (2011), essas representações geram práticas, como atitudes e gestos e assim sucessivamente, sem conseguirmos perceber onde há o início e o fim do engendramento dessas noções. Ressaltamos que o autor apresenta que “as representações podem incluir os modos de pensar e de sentir, inclusive coletivos, mas não se restringem a eles” (p. 51).

Existem estudos sobre a história do esporte sendo desenvolvidos no Brasil, porém, o que se tem é uma história eminente do esporte olímpico, bem como sobre homens atletas, e em menor proporção estudos que tratam sobre a temática do esporte paralímpico e principalmente sobre mulheres atletas. Produzir conhecimento de algo é dar visibilidade ao que consideramos que merece nossa atenção. Neste estudo, pretendemos focar nas experiências dos indivíduos e suas particularidades, entendendo que existem diferentes versões, representações e interpretações pautadas por quem viveu o momento. Desta forma, acreditamos que não há uma generalização sobre uma verdade absoluta e, por isso, este trabalho toma o pensamento da História Cultural para abordar a temática do esporte e de suas memórias.

Há diferentes versões sobre os processos existentes em relação aos percursos e a conjuntura de cada esporte. Esta investigação faz uma leitura sobre as memórias de atletas que compõem e engendram¹⁰ a seleção brasileira feminina de voleibol sentado e que participaram dos Jogos Paralímpicos. Sendo assim, estimulamos as atletas da seleção brasileira a fazer um exercício de lembrança, ou seja, construírem memórias. De acordo com Halbwachs, citado por Ferreira (2002), a memória envolve uma relação entre a repetição e a rememoração. A repetição envolve algo de que, por mais que se tente não se consegue lembrar (FINK *apud* ALMEIDA; ATALLAH, 2008). De acordo com Hutton *apud* Ferreira (2002): “Na rememoração, nós não lembramos as imagens do passado como elas aconteceram, e sim de acordo com as forças sociais do presente que estão agindo sobre nós.” Para Le Goff (1990, p. 423):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Le Goff (1990) alude que a memória é uma releitura de vestígios, havendo também uma ordenação dos mesmos. Além disso, ao citar o autor Henri Atlan, explica uma relação da linguagem com a memória, de modo que a passagem de uma linguagem falada para uma linguagem escrita pressupõe uma possibilidade de armazenamento da memória. Ainda, Ferreira (2002, p. 321) relata que:

¹⁰ Engendrar: gerar, procriar, fazer nascer, criar, inspirar. "engendrar", *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/engendrar>. Acesso em: 30/06/2019.

A história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.

Acerca do entendimento de Barros (2012) sobre a história contemporânea em que o autor relata sobre possibilidades de coletas, destaca que “as fontes como discursos a serem analisados ou redes de práticas e representações a serem compreendidas” dão subsídios para as pesquisas. O autor explicita que esses discursos serão únicos e individuais, por que dois indivíduos que tenham vivido a mesma época podem apresentar diferenças em suas maneiras de pensar e, assim, oferecer mais de uma interpretação a um fato, contexto ou momento. Portanto, de acordo com o autor, associando a esta pesquisa, interpretamos os discursos e memórias das atletas da seleção brasileira de voleibol sentado compreendendo essas como “heranças imateriais” ou “fontes imateriais”, com discursos próprios e representações culturais únicas e localizadas.

De acordo com o exposto acima, nota-se a relação existente entre os conceitos de história e memória. Isto é, a história são os fatos ocorridos, enquanto a memória são as recordações e lembranças dos indivíduos que vivenciaram os fatos e que expõe suas opiniões de acordo com seus sentimentos, emoções, frustrações, anseios, etc. Esses dois conceitos são importantes para embasamento desta investigação, que visou apreciar e reconhecer os depoimentos e reflexões acerca do voleibol sentado feminino no Brasil. Portanto, esta pesquisa investiga o particular, o específico. Lyra e Mazo (2010, p. 141) acreditam que “os estudos de memória são relevantes no trabalho com fontes orais, porque o objeto de estudo na pesquisa histórica é reconstruído por intermédio dos entrevistados”.

Corroborando com as autoras Lyra e Mazo (2010) e com o intuito de valorizar testemunhos e experiências, Lopez (2008) publica conceitos sobre memória e história, em um livro que se deu através do Projeto Memória Social. O autor explicita que a memória implica registros. Deste modo, a pessoa que vivenciou as experiências pode ser protagonista de sua história, narrando-a e, para tal, haverá uma organização para construção de uma linha do tempo de si, do fenômeno que presenciou ou do contexto. O autor comenta que a memória é uma narrativa e esta é

feita pelas pessoas. Além disso, a memória é considerada um processo vivo, por ser feita no presente uma rememoração do passado, sem ser permanente e constante. Em seu livro intitulado “Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local”, Lopez (2008, p. 33) questiona: “O que é memória individual?” e responde da seguinte maneira:

Cada pessoa carrega dentro de si suas vivências, impressões, acompanhadas de suas aprendizagens. Não guarda tudo, pois a memória é sempre seletiva. Vale ressaltar que os critérios do que é significativo ou não resultam do espaço e do tempo em que se vive. A história de cada um contém a história de um tempo, dos grupos a que pertence e das pessoas com quem se relaciona.

Desta forma, a partir dessas concepções de memória, desenvolvemos a discussão dos resultados, compreendendo as particularidades de cada indivíduo, bem como valorizando as experiências trazidas nos discursos acerca de seus próprios percursos esportivos. Os conceitos de memória e história cultural serão relacionados às informações obtidas nesse estudo por meio dos testemunhos sobre as memórias referentes aos percursos das atletas participantes dos estudos na seleção brasileira feminina de voleibol sentado, bem como com seus percursos esportivos. A história cultural e a memória embasaram os tratamentos dos resultados e discussões, dando visibilidade aos discursos das atletas.

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa apresenta caráter qualitativo que, segundo Creswell (2010), interpreta particularidades e significados individuais, com viés histórico-cultural. Para Stake (2011, p. 21), a pesquisa qualitativa “se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana” e, ao fazer pesquisa qualitativa, o pesquisador busca “encontrar os significados das experiências pessoais que transformam as pessoas” (STAKE, 2011, p. 48). A pesquisa qualitativa é uma interpretação de quem investiga um objeto de estudo, neste caso, a investigação se dará acreditando que não há tipicidade de uma época e nem generalizações a serem feitas em relação a grupos ou indivíduos. Segundo Flick (2009, p. 25) “a subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa”. O autor ainda comenta que na pesquisa qualitativa importa dedicar atenção ao significado atribuído pelos sujeitos às suas experiências e aos eventos.

A realização desta pesquisa se alicerçou numa perspectiva do campo da História do Esporte, mais especificadamente na História do Esporte Paralímpico no Brasil. Vamplew (2013, p. 6) salienta que a história “pode registrar uma recordação esportiva” e, de tal modo, as memórias sobre o passado esportivo auxiliam a escrever essas histórias. Recordações podem elucidar emoções e percepções vividas com as práticas esportivas. O envolvimento dos personagens com as práticas esportivas também pode ser mostrado através dos estudos históricos. Embora cada esporte tenha suas regras próprias, cada indivíduo atribui representações singulares sobre o mesmo. Estabelecer relações entre essas diferentes representações nos permite registrar modos de ver e viver o esporte.

Feitas essas considerações, elencamos os meios utilizados na coleta de dados: a) Revisão de literatura; b) Entrevistas; c) Imagens; e após, descrevemos o processo de interpretação das informações.

a) Revisão de literatura

A revisão de literatura foi direcionada para que abrangesse assuntos sobre o esporte adaptado de alto rendimento da modalidade paralímpica voleibol sentado e de aspectos relacionados aos incentivos financeiros existentes acerca dos esportes de alto rendimento no país para melhor apreciação dos dados das entrevistas. Foi

realizada a revisão em artigos, dissertações, livros e teses, na base de dados Google Acadêmico, no Repositório Digital da UFRGS (LUME) e no portal Scielo (APÊNDICE C – referente à busca com o termo “voleibol sentado”). Nessas bases de dados foram achados estudos em língua portuguesa e em espanhol sobre a temática, contemplando, além dos artigos já inventariados na pesquisa de Sanchotene e Mazo (2018), outras publicações que possuíam, em seus títulos, palavras-chave ou resumo, termos que pudessem contribuir com a presente pesquisa. Também foram coletadas informações nos *sites* da CBVD e do CPB.

Além disso, com o intuito de encontrar mais estudos acerca do voleibol sentado de alto rendimento, fizemos busca em alguns periódicos da área da Educação Física (APÊNDICE D), porém, somente um artigo foi encontrado. Um recente estudo de revisão realizado e publicado por Simim et al (2018) apresentou a relação da frequência relativa dos estudos que versassem sobre esportes coletivos para pessoas com deficiência, nas bases de dados *Pubmed*, *SporDiscuss* e *Scopus*. A partir do total de 319 trabalhos, foram encontrados, sobre voleibol sentado, 14 pesquisas, sendo 10 sobre a temática de análise de desempenho, o que sublinha, mais uma vez, que há uma escassa produção sobre a temática, principalmente vinculada a aspectos históricos e socioculturais.

b) Entrevistas

Tendo foco nas experiências pessoais das atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado, coletamos, por meio da técnica de entrevistas semiestruturadas, testemunhos sobre as memórias referentes aos percursos na seleção. Boni e Quaresma (2005) esclarecem que as entrevistas semiestruturadas utilizam perguntas abertas, por meio das quais o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Além disso, o entrevistador (a), consegue direcionar, por meio das perguntas, a entrevista para obtenção de respostas mais relacionadas aos objetivos da pesquisa. Nesta pesquisa, utilizamos somente de perguntas abertas na entrevista semiestruturada, utilizando da mesma compreensão de Flick (2009).

Conforme Flick (2009, p. 143), “(...) é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um

questionário”. A entrevista, para Barros (2012), é uma forma de produzir fontes orais, as quais são compreendidas por serem “fontes voluntárias”, pois existe uma intencionalidade em forma de depoimento do entrevistado ao responder as perguntas que são feitas pelo entrevistador. Para o autor, não há limitações no estudo por existir essa intencionalidade nas respostas, ao contrário, inclui que esse tipo de estudo, com a coleta de fontes orais, traz outro tipo de riqueza para a interpretação de um passado, colaborando para as interpretações de quem pesquisa frente aos discursos, às representações e às práticas.

Para a realização das entrevistas, foi elaborado um roteiro com 12 questões, além de um quadro de dados de identificação das atletas. Os principais temas norteadores do roteiro da entrevista foram o início da atleta na prática do voleibol sentado e os percursos esportivos como atletas na modalidade e na seleção brasileira feminina de voleibol sentado. As entrevistas tiveram enfoque em alguns aspectos relacionados ao esporte de alto rendimento paralímpico relativos, mais especificamente, às memórias das experiências vividas ao longo da prática do voleibol sentado. Foi aplicado um mesmo roteiro para todas as participantes, bem como um envio prévio para as atletas do roteiro por e-mail, onde todas tinham o assentimento das perguntas que seriam feitas, permitindo, deste modo, que as atletas pudessem pensar previamente sobre as respostas a serem expostas em seus relatos.

Foram entrevistadas cinco atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado, das primeiras décadas do século XXI. O critério de inclusão das atletas foi a participação nas edições dos Jogos Paralímpicos de Londres em 2012 e/ou nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016. As atletas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando-se os procedimentos éticos descritos no projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Esportes adaptados e esportes paralímpicos no Brasil: estudos histórico-culturais e psicossociais”, aprovado pela Comissão de Pesquisa da ESEFID/UFRGS e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS) sob o protocolo número 27.331. Abaixo segue um quadro referente a caracterização das atletas participantes do estudo, dispostas em ordem alfabética:

Quadro 1 – Características das participantes da pesquisa

NOME DA ATLETA	EDIÇÕES DOS JOGOS PARALÍMPICOS	DATA DE NASCIMENTO	NATURALIDADE
Ádria Jesus da Silva	2012 e 2016	01/06/1983	Goiânia – GO
Gizele Maria da Costa Dias	2016	29/10/1977	Mogi das Cruzes – SP
Jani Freitas Batista	2012 e 2016	13/08/1986	Alvorada do Norte - GO
Paula Angeloti Herts	2012 e 2016	21/07/1974	São Paulo – SP
Suellen Cristina Dellangelica Lima	2012 e 2016	04/11/1989	São Paulo – SP

Fonte: Elaborado pela autora.

Além das atletas acima referidas, outras foram contatadas, mas não conseguimos realizar as demais entrevistas por diferentes motivos, sendo eles: não querer entrevistas antes dos jogos; não estar presente no local e hora combinado; postergar a entrevista e não responder mais as mensagens. Nos momentos de realização de entrevistas, em sua maioria, as questões foram seguidas na ordem que o roteiro propunha. Porém, com o andamento da coleta de dados, novas perguntas foram introduzidas para direcionar às próximas que haviam sido desenhadas no roteiro prévio, visto que em algumas respostas as atletas distanciavam o assunto para outras questões que não eram o foco desta pesquisa.

Para melhor visualização acerca das entrevistas semiestruturadas coletadas, apresentamos no quadro abaixo os tempos das entrevistas realizadas com as atletas, seguindo o critério da entrevista com menor tempo até a entrevista com o maior tempo de gravação. Vale mencionar que as entrevistas resultaram em quatro horas, 24 minutos e 20 segundos de gravações.

Quadro 2 – Tempo de entrevista

NOME DA ATLETA	TEMPO DE ENTREVISTA
Paula Angeloti Herts	33min18seg
Jani Freitas Batista	52min03seg
Suellen Cristina Dellangelica Lima	55min58seg
Gizele Maria da Costa Dias	59min36seg
Ádria Jesus da Silva	1h03min25seg

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a gravação procedeu-se a transcrição literal das entrevistas. Em seguida, as atletas receberam por e-mail suas entrevistas transcritas, com um prazo de um mês, caso quisessem solicitar alguma alteração ou supressão em suas falas. Apenas uma atleta respondeu o e-mail, alterando questões da língua portuguesa e concordância. As outras quatro atletas não responderam no prazo estipulado (descrito em texto no corpo do e-mail) e nem após o tempo determinado. As entrevistas transcritas ficaram armazenadas em arquivos de *word* para posterior análise. O processo de coleta das entrevistas seguiu procedimentos previamente determinados. Para melhor compreensão das etapas, apresenta-se o quadro a seguir:

Quadro 3 – Momentos da coleta das informações

Contato por e-mail com o Coordenador das Seleções Brasileiras de Voleibol Sentado e com o Presidente da Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes, Ângelo Alves Neto, explicando sobre o estudo e enviando a Carta de Apresentação da Dissertação (APÊNDICE B).
Resposta com a autorização do Presidente Ângelo para a realização das entrevistas semiestruturadas com as atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado.
Contato inicial pela rede social <i>Facebook</i> com as atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado, convidando-as para a participação na pesquisa, com a apresentação da pesquisadora, bem como da pesquisa e o envio do roteiro da entrevista semiestruturada (APÊNDICE A).
Respostas com o aceite das atletas para a participação do estudo, sendo elas: Ádria da Silva, Gizele Dias, Jani Freitas, Paula Angeloti Herts e Suellen Lima.
Viagem de Porto Alegre/RS à Goiânia/Goiás, durante a segunda etapa do Campeonato Brasileiro de Voleibol Sentado, entre os dias 19 e 21 de outubro de 2018, entrega da Carta de Apresentação da Dissertação para o Presidente Ângelo e entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A) para as atletas Ádria, Jani, Paula e Suellen.
Realização das entrevistas semiestruturadas com as atletas que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a gravação das entrevistas por um gravador cedido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e por um celular, para obtenção das fontes orais, na cidade de Goiânia, durante o período do Campeonato Brasileiro de Voleibol Sentado, sendo três entrevistas (Ádria, Jani e Paula) realizadas no Centro de Excelência do Esporte. As três primeiras entrevistas foram em uma sala de aula entre os jogos da competição. A quarta entrevista realizada (Suellen) deu-se no quarto em que se

encontrava a atleta, no hotel em que a equipe do Serviço Social da Indústria (SESI) estava hospedada, também na cidade de Goiânia (Goiás), após as partidas de sábado (20 de outubro de 2018).
Viagem de Porto Alegre/RS a São Paulo/SP, durante o curso de voleibol sentado do pré-Congresso Paradesportivo Internacional no Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro, no dia 30 de outubro de 2018, entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a quinta entrevistada (Gizele).
Entrevista com a última atleta participante da pesquisa, na biblioteca do prédio do hotel do Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro, com as gravações realizadas pelos mesmos dois gravadores utilizados nas fontes orais coletadas duas semanas antes com as outras atletas.
As cinco entrevistas foram coletadas em ambientes silenciosos e de forma individual. Todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora e em apenas uma entrevista havia uma pessoa a mais, além da pesquisadora e da participante.

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com Flick (2009, p. 273), o processo de entrevistar, gravar, anotar informações e transcrever as gravações “transformam realidades interessantes em texto, e o resultado disso é a produção de contos a partir do campo”. Contudo, sabe-se que os testemunhos adquiridos apresentam uma intencionalidade por conta de quem realiza a entrevista e também há traços de involuntariedade nas falas. Isso se dá por conta da subjetividade do processo ou provocado pela prática historiográfica.

c) Imagens

Com o objetivo de melhor visualização da prática esportiva e das histórias das atletas da seleção brasileira de voleibol sentado, houve a coleta de imagens oriundas do acervo pessoal das participantes da pesquisa e disponibilizadas pelas mesmas. Burke (2004), em seu livro intitulado *Testemunha Ocular*, ao tratar as imagens como evidências, afirma que “são testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos veem o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação” (p. 232); deste modo, as imagens não são um reflexo da realidade social.

Nesse estudo, as imagens auxiliaram na contextualização da escrita das memórias que representam a seleção brasileira feminina de voleibol sentado, sendo posicionadas ao longo do texto de forma ilustrativa. Para Burke (2004, p. 237), “o

testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos (cultural, político, material, e assim por diante)”. Deste modo, a disposição das imagens se deu de acordo com o assunto discutido, e não se encontram organizadas em ordem cronológica. Foi utilizado no trabalho um total de seis imagens tratadas como representações de realidades.

d) Interpretação das informações

A análise qualitativa de conteúdo das entrevistas se embasou no processo recomendado por Flick (2009), visando a elaboração das categorias de análise. A partir da técnica proposta por Flick (2009), buscamos analisar e descrever trechos obtidos por meio de entrevistas. Identificar os termos mais utilizados nas narrativas contribuiu para a categorização. Ademais, realizou-se o cruzamento das informações coletadas com a literatura já produzida sobre o assunto. O confronto dos dados obtidos por meio de distintas fontes permitiu organizar quatro categorias, a saber: a) A iniciação da prática esportiva pelas atletas; b) A prática do voleibol sentado; c) As participações das atletas nos Jogos Paralímpicos; d) Os suportes financeiros às atletas do voleibol sentado.

4 UM PANORAMA HISTÓRICO DO VOLEIBOL SENTADO

A partir da revisão bibliográfica realizada para o desenvolvimento desta dissertação, neste tópico, apresenta-se um panorama acerca do esporte paralímpico e do voleibol sentado no cenário brasileiro. Para Silva (2007, p. 1), no Brasil, as pessoas com deficiência “ocuparam espaço na sociedade, muito mais que no passado, organizando-se e mostrando-se como grupo capaz de interferir na sociedade e no Estado”. No ano de 1958 houve a fundação de dois clubes¹¹ no Brasil para atendimento às pessoas com deficiência, inicialmente, direcionado para a prática esportiva em cadeiras de rodas. Conforme os autores, antes da fundação desses clubes, poucos eram os espaços que proporcionavam a prática de esporte para pessoas com deficiência e esses lugares eram ligados à reabilitação, processo terapêutico e saúde (CARDOSO *et al.*, 2017).

Em relação ao esporte de alto rendimento no Brasil, de acordo com Cardoso *et al.*, (2017, p. 61), “a primeira participação internacional aconteceu no ano de 1969, quando atletas cariocas e paulistas representaram o país na segunda edição dos Jogos Parapanamericanos”. Após três anos, em 1972, o Brasil começou a participar dos Jogos Paralímpicos que, naquele ano, ocorreram na Alemanha. Esta competição apresenta este nome desde 1960, quando começou a ter a periodicidade igual a dos Jogos Olímpicos, ou seja, a cada quatro anos, ocorrendo sempre na sequência deste. Antes disso, de 1948 a 1960, a competição era chamada de Jogos de Stoke Mandeville¹².

Segundo Cardoso *et al.* (2017), no início a participação brasileira nos Jogos Paralímpicos ocorreu em meio a muitas dificuldades. As principais dificuldades eram relacionadas com a falta de incentivo político e financeiro, pois era muito incipiente o movimento no país. Portanto, os atletas arcavam com suas próprias despesas nas viagens, locais de treinamento, pagamento de treinadores e materiais necessários para a prática esportiva. Com o passar do tempo, começaram as organizações de associações, federações estaduais e clubes que abarcassem as modalidades paralímpicas e contribuíssem para o incremento dessas práticas no país. Alguns

¹¹ Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro, fundado por Robson Sampaio e Clube dos Paraplégicos de São Paulo, fundado por Sergio Del Grande (CARDOSO *et al.*, 2017).

¹² Cidade em Aylesbury, na Inglaterra, em que o Neurologista Ludwig Guttmann insere no programa do Hospital de Stoke Mandeville a primeira modalidade esportiva desenvolvida especificamente para pessoas em cadeira de rodas (CONDE, 2018).

incentivos que foram se desenvolvendo são ligados a suporte financeiro, suporte estrutural, suporte tecnológico (CARDOSO et al., 2017).

Um marco para esse processo de institucionalização foi o ano de 1995, quando houve a fundação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), no dia nove de fevereiro, na cidade do Rio de Janeiro, iniciando uma fase chamada pelos autores de “consolidação” (CARDOSO et al., 2017). Assim, começou a ser disponibilizada maior verba governamental, além de incentivos, à prática esportiva para as pessoas com deficiência. Deste modo, pode-se considerar que, com a criação do CPB, houve melhoras para alçar voos maiores no esporte paralímpico, desenvolvendo a fase de profissionalização, solidificação e maior difusão em todo o país, estabelecendo melhores condições aos atletas e comissões técnicas. Atualmente, o CPB tem sua sede e foro na cidade de São Paulo, mesma cidade em que se encontra o Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro.

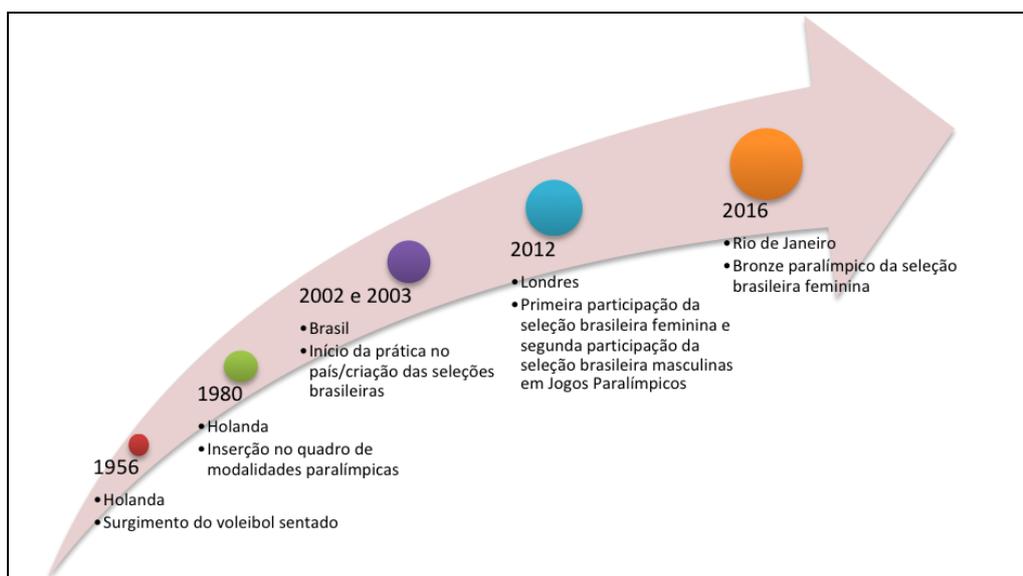
Malafaia (2016) mostra que em 2004, pela primeira vez, algumas provas dos Jogos Paralímpicos, realizados em Atenas, na Grécia, foram transmitidas em canais de televisão, e os brasileiros também puderam acompanhar pela mídia, jornais impressos, rádios e *internet*. O autor, ao escrever o livro intitulado “2004 o ano que mudou o rumo do paradesporto no Brasil: o paradesporto antes e depois dos Jogos de Atenas” apresenta que, a partir do investimento tecnológico e em decorrência desses meios de comunicação, houve uma maior repercussão do evento no Brasil, levando o esporte paralímpico a alcançar maior espaço no país. Assim, o esporte paralímpico brasileiro já podia ser considerado uma potência mundial, alcançando o 14º lugar no quadro geral da competição naquele ano (MALAFAIA, 2016).

Seguindo nesse processo de desenvolvimento, de acordo com Reis (2014), nas edições dos Jogos Paralímpicos de Pequim, no ano de 2008, e de Londres, no ano de 2012, o Brasil finalizou sua participação nas competições entre os 10 melhores países colocados no quadro geral de medalhas. Por conta dessa evolução do país nas posições no quadro de medalhas, o esporte paralímpico tornou-se mais evidente e difundido, aumentando também o número de competições e organização das modalidades. Somam-se a esse processo de desenvolvimento e progresso da seleção brasileira nos Jogos Paralímpicos, outras conquistas brasileiras em campeonatos internacionais, como os Jogos Parapan-Americanos.

De acordo com Haiachi *et al.*, (2016), o esporte paralímpico brasileiro pode ser considerado uma potência no movimento paralímpico internacional, por conta de bons resultados nos Jogos Paralímpicos de 2012, em Londres, finalizando em sétimo colocado geral e obtendo um número de 18 medalhas (com 182 atletas, sendo 69 mulheres e 113 homens) representando o país na competição, e também no quadro geral dos Jogos Parapan-Americanos (2007, 2011, 2015). No referido estudo, os autores (2016) evidenciam as características e dificuldades da carreira esportiva do atleta paralímpico brasileiro, barreiras relacionadas aos suportes financeiros, condições ambientais, falta de recursos financeiros, falta de estrutura esportiva adequada para treinamento, falta de profissionais capacitados para orientação. Cardoso *et al.*, (2016) caracterizam o esporte paralímpico como a busca pelo rendimento máximo e evidenciam a sua em contínua progressão.

Quanto à modalidade do voleibol sentado, percebe-se que ocorreu um longo período de tempo desde o seu início, em 1956, na Holanda, até a introdução da prática no Brasil, em 2002. Desta maneira, o desenvolvimento e a inserção das seleções brasileiras desta modalidade nos Jogos Paralímpicos aconteceu apenas nas primeiras décadas do século XXI, conforme ilustrado na figura que segue:

Figura 1 – Panorama histórico do voleibol sentado com ênfase no Brasil



Fonte: Elaborada pela autora com base na revisão bibliográfica sobre o tema.

O (a) atleta deve ser considerado (a) elegível para poder competir pela modalidade paralímpica do voleibol sentado, passando por processos de

classificações funcionais. A deficiência física do atleta para jogar voleibol sentado pode ser congênita ou adquirida, como amputações de membros superiores e/ou inferiores, lesões na medula espinhal, paralisia ou lesões cerebrais, paralisia muscular, etc. Cardoso e Gaya (2014) apresentam que as classificações funcionais no esporte paralímpico são desenvolvidas, especificadamente, para cada modalidade, baseada nas habilidades funcionais de cada indivíduo, com o objetivo de garantir uma competição equiparada entre os atletas e as equipes. Deste modo, para que todos os indivíduos possam competir em equilíbrio e em situação de igualdade, as classificações funcionais são regidas pelo *IPC* e supervisionadas por uma organização composta por profissionais da área esportiva e por médicos. De acordo com a *World ParaVolley Classification Rules (2018)*, um classificador da modalidade do voleibol sentado é uma pessoa autorizada e certificada pelo *World ParaVolley* para conduzir algumas ou todas as avaliações dos atletas. Um classificador deve ter clareza e entendimento da regra da modalidade e da maneira de jogar voleibol sentado, além de ser um profissional de saúde, com certificação, como um médico ou fisioterapeuta.

Sobre a classificação funcional da modalidade de voleibol sentado, todos os atletas com deficiências físicas passam por um processo de avaliação para saberem se são elegíveis para competir a nível internacional. De acordo com informações disponíveis no *site* do CPB, dentro do grupo de pessoas que são consideradas elegíveis para a prática adaptada de alto rendimento do voleibol sentado, existem atletas amputados e *lês autres*. Os atletas classificados como *lês autres*, traduzido para o português como “os outros”, são os atletas com outras deficiências físicas e locomotoras que não sejam amputações, como pessoas com paralisia muscular, com redução da capacidade muscular de contrair voluntariamente ou de gerar força, com diferença do comprimento de membros inferiores, com hipertonia muscular¹³, ataxia¹⁴ e atetose¹⁵.

¹³ De acordo com o *site* dos Descritores da Saúde, hipertonia muscular é o “aumento anormal no tônus da musculatura lisa ou esquelética”. Disponível em: <http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decserver/> Acesso em: 03/06/2019.

¹⁴ De acordo com o *site* dos Descritores da Saúde, ataxia é a “dificuldade na capacidade em desempenhar movimentos voluntários coordenados suaves. Esta afecção pode acometer os membros, tronco, olhos, faringe, laringe e outras estruturas”. Disponível em: <http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decserver/> Acesso em: 03/06/2019.

¹⁵ De acordo com o *site* dos Descritores da Saúde, atetose é uma “discinesia caracterizada por incapacidade em manter em posição estável os dedos, artelhos, língua e outras partes do corpo,

Após a avaliação de elegibilidade, existe a classificação dos atletas de acordo com o grau de limitação existente por conta da deficiência de cada um. A elegibilidade no voleibol sentado impõe uma situação de qualificação entre duas classes esportivas, distinguindo atletas com limitações mais acentuadas de atletas com limitações mais leves. A primeira abrange as pessoas com deficiências que afetam mais significativamente as funções centrais da modalidade, Classe Esportiva VS1, anterior a janeiro de 2018, chamada de *disable*. Enquanto a segunda, envolve as pessoas com deficiências que afetam minimamente as funções centrais do voleibol sentado, Classe Esportiva VS2, anterior a janeiro de 2018, chamada de *minimally disable*.

Uma equipe de voleibol sentado pode ter 12 atletas inscritos por competição, de modo que a equipe seja composta com no máximo dois atletas da classe esportiva VS2 (*minimally disable*), na imagem representada como MD. Como o voleibol convencional, o voleibol sentado é jogado com seis jogadores em quadra. Apenas um atleta MD pode estar entre os seis jogadores em quadra, ou seja, os dois atletas MD inscritos na relação da equipe não podem estar em quadra ao mesmo tempo. Localizou-se no *site* do CPB a imagem que segue, simplificando a explanação supracitada:

Figura 2 - Classe esportiva VS1 (D) e classe esportiva VS2 (MD)



Fonte: *Site* do CPB (2016)

O voleibol sentado tem algumas alterações de regras em relação ao voleibol convencional, tornando-se, assim, um esporte adaptado. Essas alterações são

resultando em movimentos lentos e contínuos, senoidais e involuntários suaves". Disponível em: <http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decsserver/> Acesso em: 03/06/2019.

especificamente ligadas à diminuição no tamanho da quadra e da rede, bem como à mudança de regra em que o atleta pode bloquear o saque adversário - adaptação feita pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB) para melhor funcionamento do jogo. Também ressaltamos que há uma regra que indica que os jogadores devem manter um dos glúteos no chão quando estiverem na ação de jogo, ou seja, “todos os jogadores devem manter contato com a quadra quando tocarem a bola com uma parte de seu corpo entre os ombros e as nádegas, sendo proibido que ele se erga, fique de pé ou dê passadas” (CARVALHO; GORLA; ARAÚJO, 2013, p. 105). Caso essa regra não seja executada é marcada a falta chamada de “*lift*”.

A quadra do voleibol sentado é adaptada em relação ao voleibol convencional, sendo de 10mx6m a do voleibol sentado e 18mx9m a do voleibol convencional. Essa alteração se dá por conta do deslocamento feito em três apoios (quadril, mãos e pernas) pelos atletas com deficiência em quadra, que assim ocupam melhor os espaços da área de jogo. A principal diferença do voleibol sentado para o voleibol convencional, segundo Mendes (2015, p. 2), relaciona-se ao deslocamento, que vem a ser “a base para todos os fundamentos técnicos”. O autor (2015, p. 2) complementa destacando que “o deslocamento é uma tarefa executada na posição sentada no chão, com o auxílio das mãos e tronco”. Ainda, sobre as modificações das regras do voleibol sentado, a rede é colocada a uma altura do chão de 1,15m nas competições oficiais para homens e de 1,05m para mulheres. De forma resumida, as regras do voleibol sentado se diferem do voleibol convencional em poucas questões, para tal, destacamos as diferenças na figura abaixo para melhor visualização:

Figura 3 – Adaptações de regras do voleibol sentado

Voleibol sentado	Voleibol convencional
Pode bloquear o saque.	Não pode bloquear o saque.
Tamanho da quadra: 10mx6m.	Tamanho da quadra: 18mx9m.
Altura da rede em relação ao chão: 1m05cm feminino e 1m15cm masculino.	Altura da rede em relação ao chão: 2m24cm feminino e 2m43cm masculino.
Regra do <i>Lift</i> : não erguer os glúteos do chão ao realizar o contato com a bola.	Não há regra do <i>Lift</i> .
Em quadra jogando pode estar uma atleta da classe esportiva VS2 e na equipe pode ter duas atletas desta classe.	Não há regra com relação à classe esportiva.

Fonte: Elaborada pela autora.

5 AS VERSÕES DAS ATLETAS SOBRE O VOLEIBOL SENTADO NO BRASIL

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos a partir das informações coletadas, categorizadas e analisadas, as quais resultaram em quatro categorias de análise: a) Iniciação da prática esportiva pelas atletas; b) Percursos de mulheres no voleibol sentado; c) Participação das atletas em Jogos Paralímpicos; d) Suportes financeiros às atletas do voleibol sentado. Estas categorias são apresentadas nos subtópicos abaixo, com interpretações acerca do objeto investigado, considerando-se a revisão bibliográfica realizada e o referencial teórico adotado na pesquisa, conforme segue:

a) Iniciação da prática esportiva pelas atletas

Este subcapítulo expõe o processo iniciação à prática esportiva das atletas participantes desta pesquisa. Ao longo do texto, discutimos as informações oriundas das entrevistas com a revisão de literatura, bem como tratamos de expor e contextualizar as formas com que elas discorrem sobre o assunto. Notou-se que as percursos esportivas destas cinco atletas de alto rendimento perpassaram diferentes momentos, circunscrevendo histórias que por vezes possuem similaridades e, em outras, marcam particularidades de suas percursos, evidenciando amplas influenciadas dos contextos social e cultural de cada entrevistada.

De acordo com Reis, Mezzadri e Silva (2017), os indivíduos com deficiência vêm alcançando seus direitos em leis e diretrizes, buscando igualdade de condições e oportunidades na sociedade. Assim como a educação, a saúde, o trabalho e o lazer, o esporte é direito da pessoa com deficiência (LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO, 2015). Deste modo, a prática esportiva se constitui em um espaço em que a pessoa com deficiência pode encontrar oportunidades de crescimento pessoal, promoção de saúde, sentimento de pertencimento, estabelecimento de objetivos, entre outros benefícios. Ademais, ambientes que possibilitam a prática esportiva para pessoas com deficiência abrem espaço, também, para a carreira paralímpica, sendo, muitas vezes, a porta de entrada para o alto rendimento no esporte paralímpico, como é o caso das atletas participantes desta pesquisa.

Neste sentido, vale ressaltar o exposto de Silva (2007, p. 8): “as práticas corporais na população com deficiência são adequações contínuas de ajustamento,

principalmente pela individualidade de cada praticante.” A autora destaca que o esporte adaptado leva em conta as particularidades das pessoas com deficiência. Deste modo, além das possibilidades e necessidades da pessoa, é preciso atentar para os interesses (WINNICK, 2004). No cenário do esporte paralímpico brasileiro contemporâneo, – diferentemente de outros períodos históricos, nos quais as oportunidades de prática esportiva às pessoas com deficiência eram reduzidas –, pode-se dizer que são diversificadas as modalidades em que as pessoas com cada tipo de deficiência podem se engajar por intermédio da escola, de projetos sociais, de associações e clubes esportivos ou de instituições especializadas (BATAGLION; MAZO, 2019). Neste contexto, vale referir que a Lei nº 10.264, de 2001 (Lei Agnelo/Piva) trouxe benefícios tanto para o alto rendimento no esporte paralímpico quanto para abrir espaços a iniciação esportiva às pessoas com deficiência, uma vez que parte dos recursos, destinados aos CPB por meio desta lei, são destinados ao fomento do esporte à estudantes com deficiência em idade escolar. De tal modo, desde o ano de 2006 programas e projetos para crianças e jovens com deficiência foram implementados em todas as regiões do país (BATAGLION; MAZO, 2019).

Nesse sentido, a partir das respostas encontradas acerca da iniciação esportiva das atletas, destacamos que, dentre as cinco, somente a atleta Suellen apresenta deficiência congênita (desde seu nascimento ou anterior ao nascimento - fase intrauterina), resultando em quatro atletas que adquiriram a deficiência física ao longo da vida. Dessas quatro atletas com deficiências adquiridas, duas foram por acidente de moto (Ádria e Paula – amputação transtibial), uma por atropelamento de automóvel (Jani – amputação transfemoral) e uma por erro médico (Gizele – torção de joelho/sem movimento no pé). Destacamos estes dados, uma vez que apresentam relevância para que possamos compreender os processos de inserção destas atletas na prática esportiva.

A atleta Jani identifica que seu início na prática esportiva se deu relacionado diretamente ao fato de ter passado por um acidente em que foi “atropelada por uma carreta” (JANI, 2018, p. 1), na cidade que residia (no interior do estado de Goiás, no ano de 2006, quando a entrevistada tinha 20 anos de idade). Em decorrência da gravidade do acidente, houve a amputação transfemoral (acima do joelho) no terço médio do membro inferior esquerdo. A atleta conta: “perdi muito sangue, meu caso foi muito grave, muito! Morava no interior e o acidente foi nove horas da manhã. Eu

cheguei ao hospital de base em Brasília meia noite” (JANI, 2018, p. 2). Três meses após a amputação e cicatrização, Jani foi para Goiânia. Na loja de ortopedia, onde estava passando pelo processo de protetização¹⁶, Jani teve seu primeiro contato com a modalidade do voleibol sentado, pois profissionais desta loja comentaram sobre a existência da modalidade e a apresentaram ao técnico da equipe de voleibol sentado da cidade, o professor José Agtonio Guedes, atual treinador da seleção brasileira feminina de voleibol sentado.

O treinador supracitado convidou Jani para conhecer a modalidade (a atleta relatou que iniciou os treinamentos no ano de 2007 e começou a participar de viagens com a seleção brasileira de voleibol sentado no ano de 2008 – comenta que levou por volta de um ano para se familiarizar com a modalidade). A atleta, ao falar sobre os primeiros momentos de aproximação com a modalidade do voleibol sentado, mencionou: “... apaixonei e a primeira vez que eu fui, mesmo, para conhecer a novidade, eu fiquei encantada” (JANI, 2018, p. 1). A atleta mostra também que a iniciação na prática esportiva adaptada a fez conhecer outras pessoas com deficiência, pois a mesma não conhecia ninguém com amputação, contribuindo para o processo de entendimento acerca da deficiência, expondo o seguinte:

Como morava no interior, eu não via, acho que os olhos não eram treinados pra isso, né? A partir do momento, da ADFEGO¹⁷, que eu conheci, lá tem vários tipos de esporte, né? Então, assim, tem muito deficiente. Não era só amputado... de braço, perna, cadeirante, tinha muito. Foi um choque pra mim, mesmo. Eu fiquei, assim, encantada, eu falei assim: gente, não sou só eu no mundo, tem mais pessoas. E conheci o voleibol e me apaixonei (JANI, 2018, p. 1).

Ainda sobre o processo de iniciação esportiva, Jani destaca que adquiriu alguns conhecimentos sobre o voleibol convencional, como gestos técnicos e fundamentos da modalidade, durante seu período escolar. Deste modo, percebe que isso influenciou para seu bom desempenho nesse momento inicial na prática esportiva adaptada, referindo: “Você tem ideia, eu sabia fazer um pouco de fundamento por causa da escola, a gente brincava na escola, na educação física, então sabia um pouquinho, mas sempre gostei...” (JANI, 2018, p. 1). Observa-se que

¹⁶ A protetização ocorre após a amputação, objetivando o desenvolvimento das atividades de vida diária com a máxima independência e funcionalidade do indivíduo, utilizando-se, para isto, próteses em substituição aos membros amputados – por exemplo, o uso de pernas mecânicas. Ressalta-se que a protetização requer um período de adaptação do indivíduo à prótese.

¹⁷ Associação dos Deficientes Físicos do Estado de Goiás.

a memórias da Educação Física escolar contribuíram para que Jani tivesse percepções positivas sobre o seu engajamento no voleibol sentado desde os primeiros contatos com a prática da modalidade. Isto vai ao encontro dos resultados encontramos por Haiachi (2017) e Cardoso (2016), onde atletas paralímpicos de variadas modalidades também referiram influencias das aulas de Educação Física na escola e, principalmente, dos estímulos dos professores desta disciplina, para a aderência e permanência no esporte. Tais autores obtiveram resultados que apontam a relevância das experiências na escola tanto para as pessoas com deficiência que já possuem a deficiência em idade escolar, quanto para aquelas que adquirem posteriormente, por exemplo, em idade adulta. Isto também foi evidenciado no estudo de Bertoldi et al. (2018), que explicou que isto sucede, pois as vivências nas aulas de Educação Física escolar determinam a forma como as pessoas, com ou sem deficiência, se relacionam com o esporte, ou com atividades físicas em geral, ao longo de toda a vida.

Sublinhamos que Jani relatou que quem fez a prótese dela também era amputado e isso contribuiu para que houvesse o direcionamento dela para a prática esportiva. Esse indício nos mostra a relevância de que a sociedade tenha conhecimento sobre os esportes adaptados e paralímpicos, de modo contribuir para a sua difusão, sobretudo, às pessoas com deficiência. Vale ressaltar que os contextos de reabilitação possuem proeminente papel para o engajamento das pessoas com deficiência, seja congênita ou adquirida, em prática esportivas. A área da educação física, em atuação interdisciplinar com outras áreas da saúde – fisioterapia, terapia ocupacional, nutrição, psicologia, etc. – tem a função de inserir a pessoas com deficiência em atividades esportivas ainda no período e no ambiente de reabilitação e, encaminhá-la para programas ou projetos esportivos ou de atividades motoras, que possuam objetivos adequados à faixa etária e ao tipo de deficiência da pessoa, visando contribuir para o alcance máximo da sua independência e inclusão social.

Especialmente, nos casos em que a pessoa adquire a deficiência na idade adulta, é comum que receberam indicações sobre as modalidades paralímpicas pelos seus médicos, fisioterapeutas ou por pessoas ligadas a associações esportivas. Exemplo disso foi o caso da atleta Jani, que teve indicação para a prática através de profissionais que a atenderam durante seu processo de

protetização. A atleta Ádria, por sua vez, conheceu o treinador dentro da ADFEGO e iniciou os treinamentos neste mesmo espaço. Da mesma forma, Paula relatou que também iniciou o contato com o voleibol sentado a partir da indicação de seu médico, durante o processo de protetização.

Sobre esse processo de iniciação esportiva, Ádria (natural de Goiânia) apresentou um panorama no qual diz que, durante o período que esteve na escola, a prática esportiva não era o que ela gostava de fazer: “... eu era, assim... uma pessoa bem leiga em questão de esporte. Nunca me importei, porque em escola, mesmo, eu nem gostava, nem gostava de educação física (risos)” (ÁDRIA, 2018, p. 3). Ádria, que sofreu um acidente de moto – na ocasião, estava sem a utilização do capacete –, tendo amputação transfemoral esquerda quando possuía 16 anos, nos disse que “nunca tinha convivido com pessoas com deficiência” (ÁDRIA, 2018, p. 2).

Ao contrário de Jani, Ádria passou por um longo processo de protetização, principalmente em função do alto custo. Jani relata que foi rápido seu processo de protetização por conta de seu convênio particular de saúde que cobria o valor da prótese. Já, Ádria, explicou que uma prótese tem um alto custo e que, por isso, demorou três anos a protetizar e, nas palavras dela, a “sair para o mundo” (ÁDRIA, 2018, p. 2). Após isso, Ádria iniciou no mercado de trabalho na Associação dos Deficientes Físicos do Estado de Goiás (ADFEGO), vendo essa como “a primeira porta que se abriu” após o acidente (ÁDRIA, 2018, p. 2). Ádria diz que não conhecia a modalidade do voleibol sentado e que não se importava e nem gostava, na época da escola, da educação física. Na ADFEGO Ádria, no final do ano de 2005, encontrou com o atual técnico da seleção brasileira feminina de voleibol sentado, Agtônio Guedes, assim como supracitado pela atleta Jani (mesma Associação e mesmo treinador), e Ádria explana que ele:

De cara me viu e já fez o convite pra conhecer o vôlei sentado e, assim, fiquei meio receosa de início, porque não sei jogar, não sei pegar na bola, eu nunca fui de praticar nenhuma atividade física. O que é fazer uma manchete? Toque? Aí foi deslocamento... foi um período, assim, que eu falei assim: não, não, não vou dar conta, isso não é pra mim (ÁDRIA, 2018, p. 3).

Ádria se dispôs a conhecer a prática esportiva por curiosidade e quando sentou e fez o deslocamento sentiu a real dificuldade. Esses relatos das atletas são considerados os primeiros momentos de contato delas com a modalidade do voleibol

sentado. Nesse sentido, o início do processo da carreira do atleta, segundo Haiachi *et al.*, (2016, p. 3001), é denominada de fase de pré-transição. Nesse momento, a pessoa com deficiência está conhecendo a modalidade e “desenvolvendo sua experiência competitiva”.

Ádria que não sabia nenhum fundamento de voleibol e nos disse que “era uma pessoa que não tinha nenhuma noção, não sabia nem pegar numa bola de vôlei” (ÁDRIA, 2018, p. 3), começou a treinar com foco e resiliência, pensando numa possível convocação para a seleção brasileira de voleibol sentado, pois o treinador José Agtônio Guedes disse que ela tinha uma estatura boa e que o voleibol sentado gostaria de uma atleta assim. “...Me incentivaram e apostaram em mim, acho que o Guedes apostou mesmo” (ÁDRIA, 2018, p. 3). Em maio de 2006, em um campeonato brasileiro Ádria conquistou o prêmio destaque como melhor bloqueadora da competição e, em seguida, foi convocada para a seleção brasileira de voleibol sentado.

Os relatos de Ádria denotam, assim como asseveram Bataglione e Mazo (2019, p. 34), que para os (as) atletas com deficiência os treinadores são “agentes essenciais, pois estimulam, viabilizam e dão sentido às suas práticas, incluindo os processos pré, durante e pós competição”. Haiachi (2017) corrobora sobre a importância dos treinadores na trajetória esportiva dos atletas paralímpicos, desde a escolha da modalidade. Para o autor, esta escolha é mais bem aproveitada quando realizada em idade escolar, indo ao encontro da mensagem de Ádria: “Hoje eu digo, a educação física tem que ser obrigatória... porque a educação física pode mudar a vida de uma criança” (ÁDRIA, 2018, p. 9).

Palacios e colaboradores (2014) dizem que “uma amputação envolve mudanças que afetam fisicamente, psicologicamente e socialmente as pessoas”. Os autores entendem que o esporte pode influenciar de maneira positiva na reabilitação integral do indivíduo que adquiriu a deficiência, como uma ferramenta útil e potencializa esse processo de desenvolvimento e recuperação. Essa explanação dos autores pode ser utilizada para além da amputação. A pessoa que adquire a deficiência encontra no esporte um lugar de socialização, que abrange os fatores acima citados. Abaixo, uma imagem que ilustra os sentimentos que o esporte proporciona as atletas e a equipe de profissionais envolvidos.

Figura 4 – Abraço entre atleta com deficiência adquirida e membro da comissão técnica da seleção brasileira de voleibol sentado.



Fonte: Acervo pessoal de Gizele, (2016).

A atleta Paula diz que, no ano de 2011, no Centro de Reabilitação de São Paulo, seu médico a indicou para a prática no Clube dos Paraplégicos de São Paulo. Ao pegar seu número de telefone e passar para alguém que ele conhecia que estava atrás de pessoas com deficiência para praticar o esporte. Assim como Jani, Paula narra que conheceu o voleibol convencional na escola, quando criança, e já tinha ouvido falar sobre o voleibol sentado, mas que não havia pensado na possibilidade de jogar. A mesma conta que jogava por lazer e que depois, com o passar dos anos, o voleibol não era mais algo que ela fazia. Somente depois do acidente de moto, ocorrido no ano de 2005, que a atleta teve amputação transtibial que ela voltou a praticar voleibol. O médico do centro de reabilitação, que lhe tratava, na época, lhe indicou para a prática. Informou o número do seu telefone para o Clube dos Paraplégicos de São Paulo, de onde entraram em contato e até hoje ela treina e joga pelo clube.

Porém, esse caminho não ocorreu com a Gizele, que elucida que após uma torção do joelho e se sentir “perdida”, os médicos lhe disseram que nunca mais poderia “praticar esporte, saltar, nem correr, nem fazer nada..., porque a patela

estava muito porosa, toda cheia de problemas” (GIZELE, 2018, p. 1). Além de ter o “problema” no joelho, descobriu, posteriormente, que não teria mais o movimento de um dos pés, em função de uma cirurgia mal sucedida. Ela explica: “[...] não podia mais fazer esporte. Médicos ignorantes, porque eles não sabem do paradesporto. Aí quase entrei em depressão porque falaram que eu não podia mais praticar esporte, não sei o quê... (GIZELE, 2018, p. 1). Gizele (2018, p. 1) comenta que era “praticante do voleibol desde os nove anos de idade” e que torceu o joelho aos 30. Ao tratar dessa temática, a atleta recorda da seguinte passagem:

E era a minha vida, eu adorava aquilo, eu respirava. Não me via fora da quadra, apesar de ser voleibol amador, eu era competitiva, estava em campeonatos, disputando jogos regionais com as minhas cidades lá e tal... Nunca joguei pela minha cidade, joguei pela cidade dos outros. (Risos) Joguei por Ferraz 11 anos. E os médicos falaram que eu não poderia mais praticar esporte, entrei em depressão, aí falei com um amigo meu, conversando com ele, então: por que você não vem pro vôlei sentado? Pra deficientes... Aí eu falei: nossa, mas será que eu me encaixo? (GIZELE, 2018, p. 1).

O atleta Vagner, que a Gizele destaca, é integrante da seleção brasileira masculina de voleibol sentado e a direcionou para um clube em São Paulo, colocando-a em contato com o treinador Ronaldo Gonçalves de Oliveira, no ano de 2009, três anos após ela ter se afastado da prática esportiva. A atleta teve a experiência de ir ao Serviço Social da Indústria de São Paulo (SESI-SP), após conhecer o treinador Ronaldo e foi levada à fisioterapeuta do clube, a Ana Paula. A fisioterapeuta analisou sua deficiência e constatou que seria considerada Classe Esportiva VS2, na época chamada de mínima deficiência e solicitou os exames que seriam necessários para comprovação da classificação. Essa expectativa de que talvez ela pudesse praticar o voleibol sentado trouxe em sua fala: “já brilhou uma estrela comigo ali, né?” (GIZELE, 2018, p. 2). Pode-se perceber a importância que ela colocava na prática do voleibol em sua vida. Dentro desse processo de conhecimento e aproximação com a modalidade, destacamos, novamente, a importância da divulgação dos esportes paralímpicos, pois ainda hoje muitas pessoas desconhecem esse espaço de prática esportiva. Tais desconhecimentos se estendem para os aspectos e critérios de classificação funcional, bem como para o pós-carreira dos (as) atletas paralímpicos.

Cardoso *et al.*, (2018) mostram que o esporte paralímpico, ao ser explorado pela mídia, gerou incentivo a novos atletas. Desta forma, um maior investimento no

setor midiático pode colaborar com as equipes para adquirirem novos talentos, bem como podem trazer novos apoiadores e/ou patrocínios para as equipes, além de diminuir os estereótipos que ainda existem acerca da pessoa com deficiência. A introdução das atletas deste estudo no esporte paralímpico não foi diretamente induzida por conta da mídia, porém a mídia pode ter influenciado as pessoas que intermediaram os processos delas. Nesse sentido, Paula destaca:

Acho que divulgar o esporte no modo geral é ótimo porque têm pessoas com grande potencial que por preconceito, falta de divulgação ou mesmo por não conhecer o esporte acaba não praticando e assim deixando de conhecer os esportes. As vezes sou chamada em escolas para falar um pouco da minha experiência (PAULA, 2018, p. 5).

O processo de aproximação com o voleibol da Suellen parte de um direcionamento diferente, pois a mesma não adquiriu a deficiência, ou seja, apresenta deficiência congênita. Ao perguntarmos sobre como iniciou sua trajetória na prática do voleibol sentado, ela recorda seus momentos na pré-adolescência:

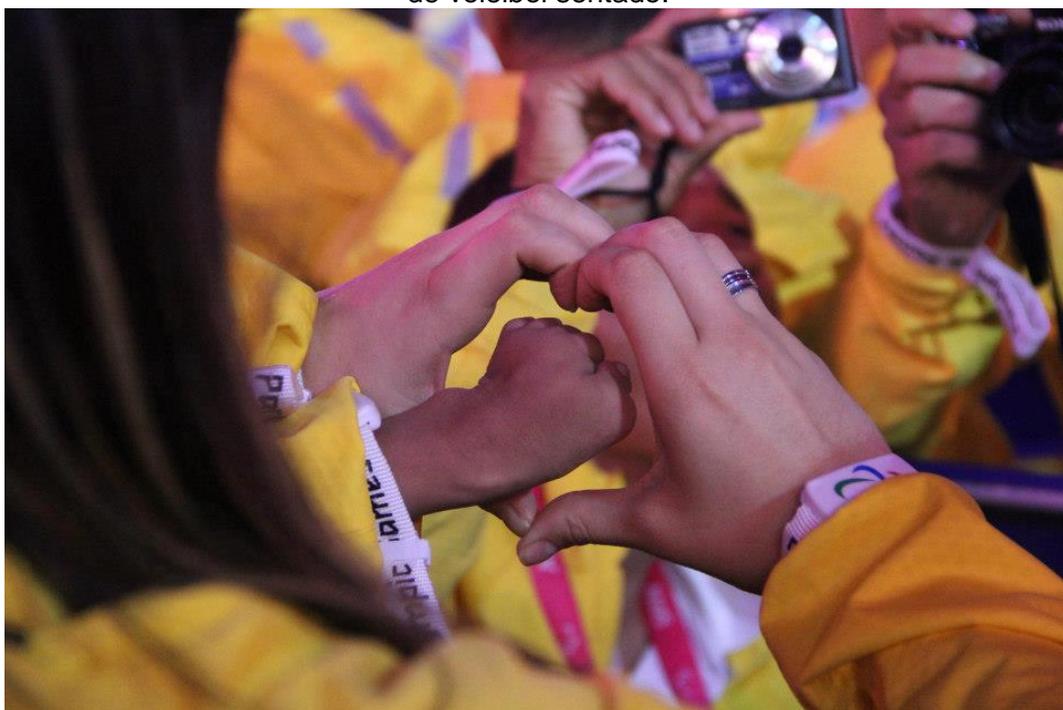
Então, na verdade eu jogava, brincava na rua de vôlei, desde pequena, assim, e um dia uma amiga minha falou “eu vou fazer escolinha”, aí falei pra minha mãe, também quero fazer escolinha de vôlei. Aí minha mãe ficou assim, até por conta da deficiência, aí fui, fiz um ano nesta escolinha, que era uma escolinha paga (Suellen, 2018, p. 1).

E nos explica, acerca da sua idade na época, lembrando que tinha 11 ou 12 anos quando se interessou por jogar o voleibol convencional e começou em uma escolinha, mas por conta das condições de pagamento ela precisou se afastar. Depois disso, entrou para a escolinha da prefeitura e começou a jogar. A atleta Suellen mostra de que forma ocorreu sua aproximação com a modalidade do voleibol sentado, tentando lembrar a idade que começou:

[...] aí um pouco mais velha comecei a ir a competições e tudo, cheguei a participar de jogos regionais, jogos pela cidade, jogava por Diadema, São Paulo, morava lá. Então comecei a jogar então um árbitro que conhecia o Ronaldo, na época que era o técnico da seleção, sabia que ele trabalhava com vôlei sentado, tudo, aí ele viu que eu tinha uma deficiência, viu que eu jogava vôlei, tudo, falou pro Ronaldo, ah! Em Diadema tem uma menina que não tem a mão, e que joga vôlei. Aí ele começou a me caçar, ligou para a secretaria de esportes, conseguiu o telefone do meu técnico, meu técnico que me ligou e acabei indo pra Suzano pra conhecer, pra ver, em 2006 (SUELLEN, 2018, p. 1).

Para Dantas (2018, p. 318), a característica principal desta “geração” é que muitas atletas “tiveram formação no voleibol olímpico e depois migraram para o vôlei sentado, e aquelas que não tiveram formação já estavam praticando a modalidade e treinando de forma sistematizada em seus respectivos clubes há bastante tempo”. A imagem abaixo ilustra a integração das atletas que praticaram as distintas formas de voleibol adaptado ou convencional.

Figura 5 – Registro de união e força na equipe da seleção brasileira feminina de voleibol sentado.



Fonte: Acervo pessoal de Suellen, (2012).

Percebeu-se que, o período em que as cinco atletas iniciaram na modalidade do voleibol sentado, é marcado pelo tímido fomento desta no Brasil. De tal modo, percebe-se que os poucos profissionais, e suas respectivas entidades, “localizaram” estas pessoas, estimulando o início da prática, visando futuros recursos humanos para a seleção brasileira da modalidade, o que se concretizou, visto que elas tornaram-se atletas paralímpicas. Embora, conforme referido neste tópico, atualmente haja diversas iniciativas para a iniciação esportiva paralímpica no Brasil, este cenário ainda requer, muitas vezes, a “captação” de pessoas com deficiência para o desenvolvimento das modalidades nos contextos locais e regionais, especialmente, para as modalidades coletivas, o que se dá, na maioria dos casos, pelo trabalho de treinadores ligados a entidades do esporte paralímpico. Acredita-se

que o aumento do fomento do esporte paralímpico nos ambientes escolares poderá contribuir para a modificação deste cenário em longo prazo, sendo, os professores de educação física escolar, personagens essenciais para que isto se concretize (BATAGLION; MAZO, 2019). Neste sentido, espera-se que as futuras seleções paralímpicas brasileiras sejam integradas por atletas que tiveram os seus primeiros ensinamentos sobre as modalidades na escola.

Por fim, este tópico pretendeu apresentar os resultados acerca da iniciação esportiva de cinco atletas seleção brasileira feminina de voleibol sentado, trazendo relatos sobre os seus passados vinculados aos processos de iniciação na prática esportiva, entendendo que esse início traz indícios relevantes para compreendermos algumas maneiras de introdução nesta prática no país. Nota-se que não há uma tipicidade e nem generalizações a serem feitas em relação à essas percursos, bem como explanamos no referencial teórico que embasa essa pesquisa. Cada atleta traz sua trajetória, suas particularidades, suas visões e versões sobre os momentos que vivenciou.

b) Percursos de mulheres no voleibol sentado

Assim como o processo da iniciação das atletas na prática esportiva foram distintas, o mesmo ocorreu com os percursos esportivos das atletas. Deste modo, este subcapítulo trata do processo após a iniciação da prática esportiva, apresentando e discutindo os resultados adquiridos nas entrevistas acerca das memórias que discorrem sobre os seus percursos no voleibol sentado.

Jani coloca que na modalidade do voleibol sentado ainda há pouco “material humano” e que, por esse motivo, as atletas que se destacam nos campeonatos brasileiros são convocadas para compor a seleção brasileira feminina de voleibol sentado. Percebe-se o rápido processo de Jani na introdução da seleção brasileira feminina de voleibol sentado, uma vez que ela tenha sofrido o acidente e passado pelo processo de protetização no ano de 2006 e, no ano de 2008, já estava compondo a equipe que representava o Brasil nas competições nacionais da modalidade naquele ano. Como relata:

Então, com um campeonato desse brasileiro, que eles vão olhar as melhorzinhas, sim, de cada equipe, para juntar a seleção brasileira. Ué, então eu sabia um pouquinho, tinha potencial e infelizmente falta material humano, então uma que aparece já é sugada, já, pra seleção brasileira, né? (JANI, 2018, p. 3).

Nesta passagem de sua fala, a atleta expõe que por haver poucas pessoas que praticam a modalidade no *naípe* feminino no Brasil, quando uma atleta aparece e compete no campeonato brasileiro de clubes, a comissão técnica da seleção brasileira aproveita para entrar em contato, principalmente, quando se destaca nos jogos. De acordo com Dantas (2018) o ano de 2006 foi um marco histórico para o voleibol sentado no Brasil, onde a modalidade teve seu primeiro campeonato nacional e, também, ocorreu a fundação da equipe feminina de voleibol sentado de Suzano (São Paulo), atual SESI-SP. Jani foi treinar na ADFEGO, onde conheceu o voleibol sentado e o treinador Guedes, no ano de 2007. No ano de 2008 começou de fato a treinar e a viajar. Hoje treina na ADAP, em Goiânia. Antes dos Jogos Paralímpicos de 2012, mudou de clube e ficaram apenas ela e a colega Ádria, da mesma equipe, treinando em Goiânia (as duas e o treinador) com bolas e rede doadas pelo treinador Guedes. A mesma tem que conciliar, atualmente, o trabalho com o esporte. No início da carreira, como estava recebendo auxílio-acidente, ficou somente praticando o voleibol sentado. Para Jani, a maior dificuldade que ela encontra em sua trajetória é viver conciliando o esporte com o trabalho. Conta que ficou dois anos “sem ganhar nenhum centavo” (JANI, 2018, p. 4). Também relata que não se tem muitas empresas que compreendem os tempos que as atletas passam viajando.

Jani conta que jogou o campeonato Mundial em 2010 e Jogos Paralímpicos. Em seu relato conta que em Londres, 2012, a seleção brasileira feminina de voleibol sentado ficou em 5º lugar. No Mundial da China, cidade de Anji, no ano de 2015, ficou em 3º lugar. E, em 2016, no Rio de Janeiro, ficou em 3º lugar. Em suas memórias explanadas na entrevista, diz que nos Jogos Paralímpicos de Londres se achava imatura para saber da importância de jogos daquele nível (megaevento), porque se tornou atleta depois dos 20 anos. Atualmente, é capitã da ADAP de Goiânia e continua compondo a seleção brasileira de voleibol sentado. Conta que a família nunca assiste as competições e justifica que isso ocorre, pois, em sua família, não há outros atletas, fazendo com que desconheça a relevância disto.

Ádria comenta que inicialmente tinha receio de participar da modalidade do voleibol sentado, no final do ano de 2005. Já no ano de 2006 foi convocada para uma seletiva da seleção brasileira feminina de voleibol sentado, apesar de não ter sido convocada para a equipe que seguiria em treinamento, essa explicação

corroborar com o relato da atleta Jani que apresenta a rápida convocação para a seleção após sua iniciação na prática da modalidade. A partir disso, Ádria, com o treinador Guedes, treinaram mais um ano para que não houvesse novamente o corte da seleção. Cardoso (2016, p. 99) cita a importância do papel do treinador para a continuação dos (as) atletas paralímpicos em treinamento:

Esse suporte auxilia no aprimoramento dos resultados durante a carreira esportiva dos atletas. A contínua passagem de conhecimento durante os períodos de treinamentos e competições são fundamentais para que o atleta continue motivado a permanecer na modalidade esportiva paraolímpica (CARDOSO, 2016, p. 99).

Em maio do ano de 2006, Ádria ganhou o destaque de melhor bloqueadora da competição brasileira de voleibol sentado e foi convocada para compor a equipe das atletas da seleção brasileira daquele ano. Logo no mês seguinte, em junho de 2006, a seleção viajou para a Holanda para um Campeonato Mundial de Voleibol Sentado. Mesmo com esse avanço rápido de Ádria em relação a seleção brasileira, ela conta que foi difícil aprender os fundamentos, principalmente o saque, mas a vontade de melhorar foi crescendo, conforme menciona: “eles investiram, apostaram, e eu continuei... vontade de desistir tive várias vezes, não vou mentir, nossa... às vezes eu desmotivava, mas voltava a treinar, treinar, treinava” (ÁDRIA, 2018, p. 2). A atleta relata que com a seleção ela conheceu várias equipes de vários países e sua vontade de melhorar foi crescendo.

Viana, Chaves e Pereira (2015) mostram em seu estudo que as oportunidades de pessoas com deficiência de participarem de competições são fatores que contribuem para a permanência delas na prática esportiva, bem como estreita os vínculos com as outras pessoas que compõem o contexto esportivo. Os autores também evidenciaram que a melhora da saúde foi a questão menos apontada como motivo para inserção e constância na modalidade do voleibol sentado.

Assim, nos percursos de Jani e de Ádria, Paula também teve rápida convocação para a seleção brasileira de voleibol sentado, como expõe “comecei a treinar no início de 2011 e depois de um mês, já tinha campeonato em Barueri, depois dos jogos o técnico da seleção brasileira me convidou para fazer parte da equipe, e estou até hoje” (PAULA, 2018, p. 1). A atleta, ao lembrar-se das suas memórias com o voleibol sentado, se emocionou muitas vezes. Ao longo da entrevista a atleta respirava fundo para não chorar e parecia, recorrentemente, que

estava conseguindo visualizar como eram os momentos, enquanto respondia com orgulho sobre a sua trajetória. Paula, ao falar sobre sua convocação à seleção brasileira, aludiu: “A emoção foi grande, pois sempre sonhei em defender o meu país e de repente você vê que está fazendo isso, independente de como você está no momento. De alguma forma eu me sinto feliz por ter representado meu país em algum momento na vida (PAULA, 2018, p. 1). A imagem a seguir mostra a emoção das atletas por representarem o país nos Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro em 2016:

Figura 6 – Atletas em uma partida nos Jogos Paralímpicos de 2016.



Fonte: Acervo pessoal de Ádria, (2016).

Muñoz Galíndez e Montes Mora (2017, p. 5) em um estudo que utilizou entrevistas com pessoas praticantes de voleibol sentado na Colômbia comenta que: “As histórias mostram que o voleibol sentado, mais do que um esporte onde há demanda física, é um espaço que permite a catarse e a liberdade do peso emocional que vem com a perda de um braço ou uma perna. Essas histórias também são explanadas pelas atletas que compõem a seleção brasileira de voleibol sentado, entrevistadas da presente pesquisa. Ádria conta que as melhores conquistas vieram a partir do ano de 2015, com os Jogos Parapan-Americanos de Toronto, onde conquistaram a medalha de prata. Ainda em 2015, veio a competição mundial, na China, que segundo a atleta, foi o melhor campeonato que a seleção brasileira

participou. A atleta, que mora com a mãe (83 anos), diz que recebe apoio da sua família, a qual se orgulha de onde ela chegou.

Gizele, em seu relato, diz que era praticante de voleibol convencional desde os 9 anos de idade, apesar de ser voleibol amador, participava de campeonatos regionais. Um amigo, percebendo sua depressão pós-trauma, indicou-lhe a prática do voleibol sentado e disse-lhe para ir ao SESI que lhe apresentaria ao técnico Ronaldo, no ano de 2009. Então, a atleta começou a treinar em Jacareí (São Paulo) e no SESI. No ano seguinte, em 2010, foi chamada para a seleção brasileira, corroborando com a concepção de que há convocações da seleção brasileira feminina de voleibol sentado com as atletas que se destacam nos Campeonatos Brasileiros de Voleibol Sentado ou nos treinamentos, por haver pouco “material humano” (JANI, 2018, p. 3).

Gizele conta que competiu nos Jogos Parapan-Americanos de 2011. Narra que com a seleção brasileira teve a oportunidade de jogar em Dubai, na Ucrânia, no Egito, entre outros lugares. Também jogou Jogos Parapan-Americanos de Toronto, o intercontinental na Holanda e foi considerada a melhor atleta em sua posição (levantadora), nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro do ano de 2016. A mesma relata:

Então eu sou muito feliz, sou muito orgulhosa das coisas que eu faço, sou muito orgulhosa de dizer aquilo que eu faço, apesar de não ser reconhecida, mas eu gosto de dizer, do orgulho que eu tenho de ser o que eu sou hoje. Tudo o que eu conquistei na minha vida. Foi por causa do vôlei sentado. Minha casa comprei por causa do vôlei (GIZELE, 2018, p. 9).

Assim como a Gizele relata, Haiachi (2017, p. 219) identificou, em sua pesquisa com atletas com deficiência que “a deficiência e o esporte foram considerados eventos marcantes no curso de suas vidas”. De tal modo, notou-se que as atletas da seleção brasileira de voleibol sentado passaram por ressignificações em suas vidas, sendo, esta modalidade, a porta de entrada para a carreira esportiva paraolímpica, lugar ocupado por poucos. Isto porque, apesar da carência de recursos humanos, conforme depoimentos das entrevistadas, somente as pessoas que apresentando desempenho diferenciado tem a chance de integrar a seleção brasileira e participar das principais competições do esporte paralímpico, como os Jogos Parapan- Americanos e os Jogos Paralímpicos, por exemplo. Nesta perspectiva, para estas cinco atletas, o ingresso no esporte de alto rendimento

influenciou intensamente suas percursos de vida, modificando suas representações acerca da deficiência e do esporte. Por exemplo, a Ádria, que relatou não gostar das aulas de educação física na escola, tampouco ter qualquer contato com esportes, declarou ter se apaixonado pelo voleibol sentado.

Sobre sua trajetória no voleibol sentado Paula expõe que esteve em Pequim, na China, ganhando a medalha de bronze, foi medalha de prata em Toronto, no Canadá, e estava na seleção na conquista do bronze no Rio de Janeiro em 2016. Porém, treina no Clube dos Paraplégicos de São Paulo com a equipe masculina, porque a equipe feminina teve suas atividades descontinuadas. Já a Suellen apresenta que até se formar no ensino médio, continuou praticando o voleibol sentado paralelamente ao voleibol convencional (atleta classificada como mínima deficiência). Destacamos que a Gizele e a Suellen relatam ter jogado voleibol convencional antes de iniciar na prática do voleibol sentado. No ano de 2008, a Suellen passou a treinar exclusivamente no Clube Suzano, jogando somente o voleibol sentado. A mesma está na seleção brasileira feminina de voleibol sentado desde o ano de 2006 e é a atual capitã da equipe.

A atleta Suellen nos conta que durante sua trajetória foi classificada e reclassificada várias vezes, algumas se frustrando com o resultado e outras com alegria pelo o que vinha da equipe de classificação. Por ter deficiência física na mão, a atleta teve que ir se adaptando ao longo dos anos com as mudanças das classificações no voleibol sentado. Suellen recorda que, no ano de 2010, viajou com a equipe da seleção brasileira e foi classificada como mínima deficiência, porém, outras duas atletas também receberam esta classificação. Assim sendo, a Suellen memora:

[...] então, eu sabia que para chegar nesse nível (da jogadora que ela substituiria na seleção brasileira), para eu jogar como titular, eu precisaria penar muito, ainda. [...] Foi aí, quando eu falei, ou eu vou tentar ou eu paro, porque não tem outra (SUELLEN, 2018, p. 5).

A atleta expressa que, em sua trajetória, a fase de destaque foi a mudança de classificação, entendendo esta como uma conquista pessoal, materializando a possibilidade de jogar no voleibol sentado em competições. E, a conquista de medalha de bronze dos Jogos Paralímpicos de 2016, compreende como um destaque e conquista no âmbito coletivo:

O que eu destaco no meu percurso é a minha mudança na classificação. Mas isso foi, assim, pessoal, né? A medalha foi no grupo, no coletivo, né? foi maravilhoso... Mas a minha mudança de classificação, poder jogar... Eu joguei o primeiro em 2005, começo de 2006, e agora, como titular, como titular absoluta. Mudança de classificação e tudo. Então foi emocionante, assim, a hora que ele falou na sala de classificação, eu já comecei a chorar, assim... Mesmo sabendo que tudo ia acontecer, mesmo sabendo, foi pessoal (SUELLEN, 2018, p.16).

Suellen ressaltou, em seu depoimento, que o treinador Ronaldo foi importante nesse processo, pois depois dessa viagem, em 2010, as atletas vislumbravam participar dos Jogos Paralímpicos de 2012 e que, para isso, elas deveriam ficar bem colocadas nos Jogos Parapan-Americanos em 2011. Contudo, para ocorrer uma competição como os Jogos Parapan-Americanos deve haver, no mínimo, quatro países com equipes inscritas. Na época, os países da América Latina e América do Norte que possuíam seleções femininas desta modalidade eram: o Brasil, o Canadá e os Estados Unidos. De tal maneira, Suellen explica os desdobramentos do caso:

A gente foi pra Colômbia, treinou uma semana lá com eles, parece que foi uma semana ou um pouco a menos, ajudando, falando das regras, tentando dissipar, aí eles formaram um time e vieram pra cá. Aí se caracterizou como campeonato oficial e ficamos em segundo, perdemos pros Estados Unidos. Esse campeonato eu também não pude jogar porque eu fui convocada e antes da abertura eu fui cortada, porque a gente tava fazendo o negócio de revezamento (por conta da mínima deficiência que cada equipe pode convocar apenas duas atletas), né? (SUELLEN, 2018, p. 5).

Conforme os relatos da atleta Suellen, a seleção brasileira de voleibol sentado se deslocou até a Colômbia a fim de compor uma equipe feminina de voleibol sentado colombiana, visando ter-se quatro países inscritos na modalidade nos Jogos Parapan-Americanos de 2011, materializando a disputa nesta competição e a possibilidade de competirem nos Jogos Paralímpicos de 2012, conforme sucedeu posteriormente.

Suellen diz que passou o ano de 2011 treinando e jogando intercalando com outra atleta da equipe com mínima deficiência. Narra que “era feito *scout* das duas o tempo todo, pra saber quem é que ia, então foi pressão até o fim, até o último momento” (Suellen, 2018, p. 5). Depois desse momento, quando saiu a escalação que iria para os Jogos Paralímpicos de Londres em 2012, a atleta viu seu nome indicado para representar o Brasil na seleção brasileira feminina de voleibol sentado.

Sublinhamos que as atletas, ao serem questionadas sobre suas percursos com o voleibol sentado, relatam que a prática esportiva paralímpica foi importante para elas por questões de conhecer outras pessoas com deficiência, novos lugares e, principalmente, registraram suas conquistas e campeonatos, nos quais tiveram a oportunidade de participar a partir das convocações com a seleção brasileira feminina de voleibol sentado. Abaixo segue uma foto da medalha de prata da competição do Pré-Mundial do ano de 2017 e a foto da delegação brasileira feminina de voleibol sentado com a medalha de prata conquistada nos Jogos Paralímpicos do ano de 2016:

Figura 7 – Medalha de prata conquistada pela seleção brasileira feminina de voleibol sentado no campeonato pré-mundial do ano de 2017.



Fonte: Acervo pessoal de Gizele, (2017).

Gizele relembra os Jogos Parapan-Americanos do ano de 2011 que, por conta da colocação obtida, conquistaram vaga para ir aos Jogos Paralímpicos em Londres, na Inglaterra, no ano seguinte, em 2012. Abaixo segue sua expressão sobre esse momento:

[...] foi 2011. E foi em Moji das Cruzes. Quando todo mundo foi a Guadalajara, os Jogos Panamericanos foram em Guadalajara, o vôlei feminino, somente o vôlei feminino sentado foi em Moji. Minha cidade. Nossa tô em casa, com a seleção brasileira na minha casa. Nossa senhora!! E conseguimos a vaga pra Londres em Moji, ó, me

dá até um frio aqui. (Risos) Que boba que eu sou, né? É que eu sou orgulhosa do que eu faço... (GIZELE, 2018, p. 5).

A atleta Paula ao ser questionada sobre as competições que foram mais marcantes e quais fatos ela destaca, em relação à sua trajetória, respondeu: “todas foram importantes, para chegar aonde chegamos com a medalha de bronze, que para muitos é só uma medalha de bronze, não sabem a pressão que temos com nós mesmas” (PAULA, 2018, p. 2). Em sua resposta, consideramos que mesmo que ela entenda que todas as competições foram importantes, o fato de ter conquistado o bronze em Jogos Paralímpicos ganha destaque. Após essa fala, antes de continuarmos a entrevista Paula finaliza dizendo: “mais marcante foram duas, que foi a minha primeira Paralimpíada de Londres em 2012, e a Paralimpíada do Rio 2016, essas foram inesquecíveis” (PAULA, 2018, p. 2).

As atletas discorrem aspectos sobre os clubes nos quais treinam, mas focaram, principalmente, em expor relatos sobre as percursos na seleção brasileira. Portanto, juntando seus depoimentos com as informações que encontramos em quadros de medalhas nos *sites* do Comitê Paralímpico Brasileiro e no *site* da Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes, apresentamos a compilação dos dados trazidos pelas atletas sobre as competições, nas quais elas participaram, como mostra a tabela a seguir:

Quadro 4 – Competições que as atletas destacam em seus percursos esportivos.

Competições	Ano	Local	Colocação	Atletas
Jogos Parapan-Americanos	2011	Mogi das Cruzes, Brasil	2º	1, 2, 3 e 5
Jogos Paralímpicos	2012	Londres, Inglaterra	5º	1, 2, 3 e 5
Campeonato Mundial de Voleibol Sentado	2015	Anji, China	3º	1, 2, 3, 4 e 5
Jogos Parapan-Americanos	2015	Toronto, Canadá	2º	1, 2, 3, 4 e 5
Jogos Paralímpicos	2016	Rio de Janeiro, Brasil	3º	1, 2, 3, 4 e 5
Campeonato Pré-Mundial	2017	Montreal, Canadá	3º	1, 2, 3, 4 e 5

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Evidenciou-se, neste tópico, que os percursos esportivos das cinco atletas investigadas incluem a rápida ascensão na carreira, dada a rápida transição da iniciação esportiva para o ingresso na seleção brasileira de voleibol sentado. Tais indícios denotam, talvez, o amplo potencial de desempenho destas mulheres para a modalidade, mas, também, é possível que seus percursos tenham sido influenciados pela carente difusão da modalidade entre mulheres com deficiências físicas no Brasil na época em que ocorreram as suas inserções no esporte paralímpico. Vale referir que tal cenário parece não ter conquistado grandes modificações na atualidade.

Afora a rápida ascensão supramencionada, foi possível observar que os percursos esportivos das atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado são marcados por dificuldades como a dedicação simultânea ao trabalho e ao esporte, as classificações e reclassificações funcionais, a pressão psicológica pelo alcance de altos índices de desempenho em competições para permanecer na seleção brasileira e para ser escalada para as competições, a pequeno reconhecimento familiar e social do ser atleta paralímpica, dentre outros aspectos que foram apresentados. Apesar disso, notou-se que as entrevistadas construíram representações acerca de seus percursos esportivos, significando-os, especialmente, a partir das ocasiões das competições esportivas, onde estabelecem intercâmbios culturais e se reconhecem como atletas do esporte paralímpico e, sobretudo, como representantes de seu país, o Brasil. Indícios sobre isto foram situados, principalmente, na participação das atletas nos Jogos Paralímpicos, conforme informações apresentadas no tópico que segue.

c) Participação das atletas em Jogos Paralímpicos

As cinco atletas participantes dessa pesquisa representaram o Brasil em Jogos Paralímpicos, sendo que quatro atletas foram aos Jogos Paralímpicos da edição de 2012, em Londres, e de 2016, no Rio de Janeiro, e uma atleta foi somente nos Jogos Paralímpicos da edição de 2016, no Rio de Janeiro. Portanto, suas participações se tornaram um eixo temático a ser discutido nesse estudo.

Figura 8 – Delegação brasileira feminina de voleibol sentado nos Jogos Paralímpicos do Rio 2016.



Fonte: Acervo pessoal de Ádria, (2016).

Os Jogos Paralímpicos é o maior evento de esporte paralímpico no mundo. Existem diferentes vertentes de esporte para pessoas com deficiência (de lazer, escolar, de reabilitação, entre outras) e a forma de alto rendimento, institucionalizada, com regras estipuladas e sistema de classificações é chamada de esporte paralímpico. Reis, Mezzadri e Silva (2017), salientam que o esporte paralímpico se caracteriza por fazer parte de um grupo restrito de esportes e modalidades que se enquadram nos Jogos Paralímpicos, em que os esportistas precisam passar por um processo de classificação para que possam ingressar em tais eventos esportivos. Para Lopes Filho, Frosi e Mazo (2010, p. 65), “os Jogos Paraolímpicos¹⁸ são considerados um dos significativos acontecimentos do mundo esportivo atual, com um grande número de países participantes”. A cada edição há um maior número de participantes, melhora os níveis de rendimento dos atletas, bem como recordes são batidos, mostrando avanços em variados aspectos a cada

¹⁸ Termos Paraolímpico e Paralímpico é escolha/opção individual dos autores Lopes Filho, Frosi e Mazo (2010).

edição (CARDOSO, 2016, p. 20). A seguir, uma foto das atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado ao lado do placar dos Jogos Paralímpicos de Londres.

Figura 9 – Delegação brasileira feminina nos Jogos Paralímpicos de Londres 2012.



Fonte: Acervo pessoal de Suellen, (2012).

De acordo com o *International Paralympic Committee (IPC)* ¹⁹, existem 24 modalidades²⁰ esportivas paralímpicas, porém, no ano de 2016, no Rio de Janeiro, 22 modalidades paralímpicas compuseram o quadro. O Brasil encontra-se com atletas nas 24 modalidades paralímpicas de verão e em cinco paralímpicas de inverno. Dentre as 24 modalidades disputadas nos Jogos Paralímpicos, encontra-se o voleibol sentado, que se apresenta como uma alternativa esportiva para as pessoas com deficiência física.

Sobre o ano de 2012 e os Jogos Paralímpicos em Londres, Jani explicou que não sabia ainda a dimensão de estar em Jogos Paralímpicos, onde diz que foi “uma

¹⁹ Disponível em: <https://www.paralympic.org/sports>. Acesso em: 02/03/2019.

²⁰ Para atletismo, basquete em cadeira de rodas, bocha, para canoagem, para ciclismo, esgrima em cadeira de rodas, futebol de cinco, futebol de sete, *goalball*, halterofilismo, para hipismo, para judô, para natação, para badminton, para taekwondo, para remo, rugby em cadeira de rodas, para tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, para tiro com arco, tiro esportivo, para triatlo, vela, voleibol sentado. Para badminton e para taekwondo não foram modalidades paralímpicas nos Jogos Rio 2016, comporão o quadro no ano de 2020.

experiência nova, porque estava com 20 anos, nunca tinha sido atleta, não era atleta, estava sendo formada, ainda não tinha aquele glamour, o povo falava e eu não tinha noção tão grande do que era aquilo” (JANI, 2018, p. 6). Sobre o quinto lugar nos Jogos Paralímpicos de 2012, Dantas (2018, p. 314) ressalta que “as mulheres tiveram que fazer um jogo de cinco sets com a Eslovênia e o triunfo do último set foi muito comemorado por todo o time nacional”. Ainda, ao lembrar sobre a ida à Londres, Suellen relata:

...você tem uma delegação, todo mundo do Brasil, respirar aquele ar, que já muda aquele ar, né? Não é uma competiçõzinha pequena, coisa muito grande. E você entrar naquela vila paralímpica, com tudo aquilo, né? Você ver o mundo inteiro ali à disposição, então foi muito... Foi surreal (SUELLEN, 2018, p. 7).

Jani relata que, ela e Ádria, fizeram treinamentos com o treinador Guedes para aprimorarem os fundamentos técnicos e, assim, conseguiram ser convocadas para compor a seleção brasileira de voleibol sentado. Comentou:

Aí pensa, eu e Ádria e o Guedes, treinando. Aí o Guedes conseguiu, sem dinheiro, sem bola, sem material, sem nada. As bolas que ele tinha, o Guedes tinha, as bolas velhas, acho que umas quatro dele, uma até eu lembro, medicine bol, de areia, areia, que tocava terra no olho (risos)... e o espaço que nós tínhamos era espaço de vivência da universidade, que o teto era baixinho, e cheio de lâmpada. Eu consegui quebrar todas as lâmpadas do espaço (risos)... ai, que luta, mas nós conseguimos... treinou eu e ela, o Guedes nos treinou e nós conseguimos ir para as Paralimpíadas em 2012 (JANI, 2018, p. 7).

Esse relato faz refletir sobre os contextos do voleibol sentado de alto rendimento no país, visto que essa lembrança da atleta remete ao ano de 2011. Jani apontou que depois dos Jogos Paralímpicos de 2012 ela, Ádria e o treinador Guedes começaram a ir atrás de novas atletas e conta da dificuldade de encontrar mulheres com deficiência que permanecem na prática do voleibol sentado:

Aí foi chegando... foi chegando, tinha que ir atrás, vamo lá, passava um na rua, ia nas esquinas, não podia ver uma pessoa, uma menina mancando a gente ia atrás. A gente era em cinco, a gente via e ia atrás. Oi, tudo bem? Mostrava foto de quando tinha viagem, que isso, isso e isso, era difícil, mulher, misericórdia, nem sei... achar mulher com deficiência que gosta de vôlei, que gosta de bola, é muito difícil, o que já passou na nossa mão, você não tem idéia e que não ficaram...nossa, muito difícil (JANI, 2018, p. 7).

Sobre os Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro em 2016, Ádria conta que houveram notícias dizendo que os alojamentos estavam com problemas por falta de

verba e que falavam que talvez os Jogos Paralímpicos nem acontecessem. Porém, quando chegaram aos alojamentos e instalações, lembra:

[...] pisei ali dentro, olhei aquilo tudo, nossa, pra mim foi perfeito! Eles, eu acho, que eles não copiaram, mas quiseram dar o mesmo, a mesma estrutura que foi em Londres. Pra mim, foi tudo perfeito, foi tudo maravilhoso, eu vivi cada momento, cada segundo e tal, cada momento ali, você falar qual é o momento, eu acho que não tem (ÁDRIA, 2018, p. 5).

Ádria segue em sua lembrança dizendo que:

Até esses dias a gente tava conversando sobre o uniforme pra entrar, para a abertura, aquela saínda, que não sei o quê? Eu vestiria tudo de novo... (Risos) Viveria cada momento sabe? E eu não tenho o que reclamar. A estrutura, a alimentação, a academia, foi tudo perfeito... (ÁDRIA, 2018, p. 5).

Na foto abaixo, registro do acervo pessoal cedido por Ádria, as atletas da seleção brasileira de voleibol sentado estão utilizando a vestimenta que representa o Brasil na cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. A atleta intitula a imagem como “Cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016”:

Figura 10 - Atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado na cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos de 2016.



Fonte: acervo pessoal de Ádria, (2016).

Jani apresenta um relato, emocionando-se ao lembrar sobre quando conquistou, com a seleção brasileira, a medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos Rio 2016:

Mas aí, nossa foi ótimo, um sonho realizado, é não tem o que explicar, gente, por tudo que você fez, valeu a pena, estar ali naquele pódio. E nos reconhecendo, tirando foto, falando e medalha todo mundo quer ver, uma medalha olímpica. Todo atleta almeja ali, né? E nós conseguimos, nossa segunda paralimpíada, nossa primeira medalha por equipe feminina, do voleibol sentado feminino, foi muito bom (JANI, 2018, p. 5).

Pode-se perceber que a partir do pódio houve maior valorização das atletas por parte do público. Haiachi *et al.*, (2016, p. 3004) dizem que “a realização de um Megaevento Esportivo apresenta um papel importante para ampliar a discussão sobre a deficiência no país”. De acordo com Cardoso *et al.*, (2018, p. 82), “os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro 2016 podem ter sido a inspiração para muitas outras pessoas com deficiência” e, segundo os autores, foram os Jogos mais vistos em toda a história, seja ao vivo, pela televisão ou pelas redes sociais. Por conta disso, mais pessoas acompanham e conhecem o esporte paralímpico. Ao lembrar-se do jogo que levou as atletas da seleção brasileira a subirem no pódio, Suellen explica suas sensações:

Olha, a gente tava no banco, né? E eu lembro que a gente saiu correndo, algumas já estavam esperando na quadra e a gente se abraçou lá todo mundo e aí veio o pessoal do banco também, da comissão técnica, daí foi só chororô, né? Foi demais, assim, foi uma sensação inexplicável. E receber a medalha, também (SUELLEN, 2018, p. 7).

Ádria, recordando de suas conquistas com a seleção brasileira, destaca que na decisão de 3º lugar nos Jogos Paralímpicos de 2016, diz que entrou com “garra total, não pode perder, é o último jogo, não tem mais...” (ÁDRIA, 2018, p. 4). Além de lembrar esse momento a atleta diz que quer estar em 2020, subir no pódio e ouvir o hino nacional (somente toca o hino do país primeiro colocado). Foi capitã da equipe em 2016 e expõe: “sim, eu quero ser cortada se não estiver rendendo” (ÁDRIA, 2018, p. 13).

De acordo com Carlos e Marques (2017, p. 2), acerca da cobertura midiática, “o espaço reservado ao esporte paralímpico é sensivelmente menor que o espaço cedido ao esporte olímpico”. Os autores (2017, p. 4) evidenciam também que “a

imagem de atletas com deficiência é comumente associada a discursos de “superção” em detrimento das representações sobre o desempenho esportivo e das conquistas alcançadas em modalidades disputadas nas competições. A atleta Suellen mencionou que “se fosse um pouquinho mais divulgado, não precisa de muito, só um pouco, de vez em quando, passar alguma coisa, uma chamada” (SUELLEN, 2018, p. 18) contribuiria para diminuição do preconceito, pois explica que “pra mulher é muito mais difícil você tirar uma perna, você tem a questão da vaidade, de você mostrar a deficiência, sentar no chão, pra família ver a pessoa no chão, se deslocando, então existe muito disso” (SUELLEN, 2018, p. 18). Jani, nesse sentido, diz: “é bom saber que somos importantes, Saber que as pessoas viram, que estão vendo a gente... É recompensa. Nós deixamos tudo para estar aqui” (JANI, 2018, p. 15). Dantas (2018, p. 338) diz que definitivamente, após a vitória na disputa pelo terceiro lugar nos Jogos Paralímpicos Rio 2016, “cravamos o nome do Brasil entre as potências do vôlei sentado mundial”.

Diante desse contexto, Godoy (2017, p. 7) alude que “o tema movimento paralímpico ficou em evidência no Brasil nos anos que antecederam aos Jogos do Rio 2016”. A autora também coloca que esta foi a primeira edição que o Brasil participou de todas as modalidades que compõe o quadro paralímpico, sendo o total de (22 modalidades), obtendo medalhas, pela primeira vez, nas seguintes modalidades: voleibol sentado, ciclismo, canoagem e halterofilismo. Porém, quando questionamos Suellen sobre a mídia, principalmente no que se refere à medalha conquistada, a atleta afirmou:

Então ninguém ficou sabendo, passou no jornal nacional uma foto, relance da gente recebendo a medalha, e... ah! O Brasil ganhou uma medalha de bronze. E acabou, assim, não teve nada... é mais as pessoas que estão mais próximas, assim, que convivem mais e tal, mas é uma coisa que passa, né? passa muito rápido... É, mas não tem, não tem visibilidade de mídia, não tem nada assim (SUELLEN, 2018, p. 11).

Quando questionada sobre suas memórias referentes às competições internacionais, Jani elucida que o Brasil era o “patinho feio” das seleções de voleibol sentado, até o ano de 2016, porque fazia um “jogo bom, outro ruim, um jogo bom, outro ruim e outro dia, péssimo” (JANI, 2018, p. 10). Entende, então, que depois da medalha tudo mudou. Que a partir da medalha de bronze o voleibol sentado ficou mais visível, porque “as pessoas confundem ainda voleibol adaptado com basquete em cadeiras de rodas” (JANI, 2018, p. 10).

O Brasil pode ser considerado uma potência no esporte paralímpico internacional pelas colocações que ficou nos últimos dois Jogos. No ano de 2012, o país finalizou na quinta colocação geral e, no ano de 2016, na oitava posição. Em 2016, a delegação brasileira conquistou o maior número de medalhas em Jogos Paralímpicos, alcançando um número total de 72 medalhas, sendo 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze. De acordo com o CPB (2019), na edição dos Jogos Paralímpicos na cidade do Rio de Janeiro, o Brasil ficou em oitava colocação, levando atletas representantes das 22 modalidades existentes no quadro paralímpico, com 286 atletas, sendo 102 mulheres e 184 homens. De acordo com o *site do IPC*²¹, de 4328 atletas paralímpicos que competiram nos Jogos Paralímpicos Rio 2016, 2657 eram atletas homens (cerca de 61%), enquanto 1671 eram atletas mulheres (cerca de 39%).

As atletas participantes desse estudo lembraram os momentos que passaram nos Jogos Paralímpicos com orgulho e emoção. Nos dias de realização das entrevistas era perceptível as expressões das atletas: algumas atletas choraram de emoção e outras riam ao contar suas memórias. Fica evidente a importância que as atletas dão para essa competição e por fazerem parte da seleção brasileira de voleibol sentado.

d) Suportes financeiros às atletas do voleibol sentado

Como fatores fundamentais para a permanência das atletas no alto nível competitivo no esporte são apresentados os suportes financeiros. Portanto, torna-se um eixo de debate em diversas pesquisas sobre modalidades paralímpicas e olímpicas. Esse tópico contempla as narrativas das atletas acerca dos suportes financeiros para a prática do voleibol sentado, discutindo com a literatura acerca do tema e trazendo, também, leis que contribuíram para as políticas de incentivo ao esporte no Brasil. Vale referir que as políticas do esporte paralímpico brasileiro são, também, do esporte olímpico.

Haiachi *et al.*, (2016) explicam os processos e os momentos que o esporte paralímpico brasileiro tem passado ao longo do tempo, mostrando as peculiaridades de cada fase. Neste artigo, corroborando com o que apresentamos neste trabalho, os autores apresentam que a fase atual que o esporte paralímpico brasileiro se

²¹ Disponível em: <https://www.paralympic.org/rio-2016> Acesso em: 09/04/2019.

encontra é a de rendimento, ou seja, a fase da busca constante pelo aprimoramento dos treinos para desenvolver ainda mais os atletas paralímpicos, encaminhando o atleta para um estágio de profissionalismo no esporte, o que faz aumentar as chances de obtenção de recursos financeiros. Estes delineamentos foram também mencionados por Viccari e Mattes (2018, p. 100) em um estudo de caso com uma atleta da seleção brasileira feminina de voleibol sentado:

Ainda existem muitos espaços a serem conquistados, com relação ao profissionalismo (valorização), ou seja, formação profissional para atuação com pessoas com deficiência que precisam de incrementos em sua qualidade, melhorias em prol da inclusão e também em novas oportunidades da prática de esportes adaptados, pois se percebe que indivíduos com deficiência ainda encontram dificuldades com a falta de apoio, acessibilidade e preconceito (VICCARI; MATTES (2018, p. 100).

Existem diferentes suportes que contribuem para a permanência do atleta no esporte de alto rendimento no Brasil. Cardoso *et al.*, (2018) apresentam que existem os suportes estruturais, tecnológicos, financeiros, entre outros. Neste trabalho, ao entrevistarmos as atletas, um dos assuntos questionados foi acerca da questão financeira, onde todas explicaram suas visões sobre o assunto. No Brasil, existem leis que contribuem para o desenvolvimento do esporte paralímpico. Estas se constituem em políticas públicas que contribuem para a permanência dos (as) atletas paralímpicos (as) nos esportes, quais sejam: a) Lei nº 10.264 de 16 de julho de 2001 – Lei Agnelo Piva; b) Programa Bolsa Atleta, de 2004, oriundo da promulgação da Lei nº 10.891; c) Lei nº 11.438 de 29 de dezembro de 2006 - Lei de Incentivo ao Esporte (REIS; MEZZADRI; SILVA, 2017).

Iniciamos elucidando a Lei nº 10.264/2001, conhecida como Lei Agnelo/Piva, que capta recursos para o esporte brasileiro para investir em atletas e projetos, desde o ano de 2001. Esses recursos captados são advindos da arrecadação líquida dos concursos de prognósticos e loterias federais e similares, cuja realização deve possuir autorização federal. Por intermédio desta Lei, a partir do ano de 2011, 2% da arrecadação das loterias federais passou a ser destinada para o esporte do Brasil, sendo 85% do valor destinados para o Comitê Olímpico Brasileiro (COI) e 15% para o CPB. A partir da implementação da Lei nº 13.146/2015 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), houve a modificação na porcentagem destinada ao CPB, passando de 15% para 37.04% a partir do ano de 2016 (REIS; MEZZADRI; SILVA, 2017). Afora as contribuições à

esfera do esporte paralímpico, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência busca promover e assegurar igualdade, visando à inclusão social e cidadã desta população. Neste sentido, esta lei enfatiza os direitos das pessoas com deficiência, como acessibilidade, segurança, autonomia e independência ligados ao transporte, à comunicação, à informação, entre outros.

A segunda lei que destacamos como relevante para o incentivo do esporte brasileiro é Lei nº 10.891/2004, chamada Programa Bolsa Atleta, do Ministério do Esporte, onde há uma remuneração destinada para atletas de alto rendimento em diferentes categorias, sendo elas: atleta de base, estudantil, atleta nacional, atleta internacional, atleta olímpico ou paralímpico, atleta pódio. Para Cardoso et al. (2017, p. 61), o Programa Bolsa Atleta é “o mais importante programa de incentivo financeiro ao esporte no país”. De acordo com o *site*²² do Ministério do Esporte, o Programa Bolsa Atleta é considerado, há mais de 10 anos, o maior programa de patrocínio individual de atletas de alto rendimento no mundo. Existem diferentes níveis de bolsa, com variação de valores que os atletas recebem, sendo eles: Bolsa Atleta de Base (R\$ 370,00); Bolsa Atleta Estudantil (R\$ 370,00); Bolsa Atleta Nacional (R\$ 925,00); Bolsa Atleta Internacional (R\$ 1.850,00); Bolsa Atleta Olímpico/Paralímpico (R\$ 3.100,00) e Bolsa Atleta Pódio (R\$ 5 mil a R\$ 15 mil).

Ressaltamos que de acordo com o *site*²³ do Ministério do Esporte, nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, no ano de 2016, dos 286 atletas que participaram da delegação brasileira, 90,9% eram bolsistas. Foram 72 medalhas conquistadas e todas as medalhas foram conquistadas por atletas que recebiam a Bolsa Atleta. Este dado indica que o apoio financeiro advindo deste recurso contribui para a permanência dos atletas no alto rendimento, bem como colabora para que eles se desenvolvam mais e atinjam maiores conquistas e resultados em suas carreiras. Ferreira e colaboradores (2018) também compreendem que as estratégias acerca do suporte financeiro garantem a formação e o desenvolvimento dos atletas paralímpicos e destacam que houve uma movimentação de grandes volumes de recursos financeiros direcionados ao esporte no Brasil nos últimos ciclos paralímpicos até 2016.

²² <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/prerequisitos.jsp> (visualizado em 08/07/2019)

²³ Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/listaContemplados.jsp> Acesso em: 08/07/2019)

Por sua vez, a Lei nº 11.438 de 29 de dezembro de 2006 – Lei de Incentivo Fiscal – funciona no âmbito de deduções fiscais mediante patrocínios ou doações para o desenvolvimento e fomento de projetos e ações do esporte olímpico e paralímpico no Brasil. Tais deduções fiscais podem ser de “até um por cento para pessoas jurídicas e de até seis por cento para pessoas físicas”, mediante aprovação prévia de projeto pelo Ministério do Esporte (REIS; MEZZADRI; SILVA, 2017, p. 62). Neste seguimento, com o apoio das políticas públicas do esporte, administradas pelo Ministério do Esporte, as atletas do voleibol sentado participaram com maior frequência de competições, o que contribui para o desenvolvimento da equipe e para o alastramento da modalidade no país. A imagem a seguir apresenta a seleção brasileira feminina de voleibol sentado destacando o apoio deste órgão público brasileiro:

Figura 11 – Seleção brasileira no Campeonato Mundial na China.



Fonte: Acervo pessoal de Jani, (2015).

Dentre as cinco atletas entrevistadas nesta pesquisa, quatro foram contempladas, no ano de 2018, com a Bolsa Atleta nível pódio, também chamada de Bolsa-pódio²⁴. Cardoso (2016, p. 16) afirma que “o sucesso e a longevidade da carreira esportiva são dependentes da quantidade e qualidade de suportes financeiros recebidos ao longo de seu desenvolvimento. Esses suportes são, cada

²⁴Disponível em:

http://www2.esporte.gov.br/arquivos/snear/PORTARIAN381DE27DE_DEZEMBRO_DE_2018.pdf. Acesso em: 07abr. 2019.

vez mais, ampliados por iniciativas públicas e privadas no Brasil.” Ádria, ao ser questionada sobre essa temática, respondeu que elas são atletas paralímpicas e que essa bolsa é para ser por quatro anos, mas não consecutivos, pois é necessária a prestação de contas para ser renovada. Isto é, a renovação de bolsas para as atletas paralímpicas possui estreitas relações com o desempenho esportivo apresentado no período de vigências da bolsa, sendo avaliadas nos treinamentos e, sobretudo, nas competições. Porém, a mesma explica:

[...]. Você recebe anual, doze parcelas, ao final da décima segunda parcela, você renova, faz prestação de contas e renova. E nesse período, igual, tem período que você fica cinco meses sem receber... Então, como é uma coisa assim, hoje recebi a décima segunda parcela, amanhã, mês que vem, o que eu vou fazer? Eu tenho, vontade de ter minhas coisas, tem a questão que é eu e minha mãe dentro de casa, então você não pode depender dessa renda. Claro, é uma renda que vai vir, vai contribuir enquanto atleta, mas enquanto pessoa, pra pagar dívida, alguma coisa assim, você não pode contar. Sim, teu tenho uma bolsa paralímpica, tenho uma bolsa aqui do estado, tenho um projeto que é o pro esporte também, que hoje ajuda bastante, né? (ÁDRIA, 2018, p. 6).

Nos relatos das atletas fica manifestado que elas não conseguiriam viver com apenas uma bolsa. Algumas precisam trabalhar fora do voleibol para complementar a renda e outras somam bolsas. Jani diz que a partir do ano de 2009, começou a receber bolsa, após o Campeonato Brasileiro de Voleibol Sentado Feminino, que ficaram em segundo lugar. Conta que tem bolsa nacional, internacional e paralímpica, porém só recebe a paralímpica do governo federal. A mesma ganhou uma premiação nos Jogos Paralímpicos, para dividir com as demais 11 atletas. Conta que “as bolsas do governo federal ajudam muito a se manter, porém, a bolsa Proatleta, que é federal, às vezes recebe, às vezes, não” (JANI, 2018, p. 11). Em Goiânia tem o Proesporte, que é um projeto de patrocínio em troca de divulgação da marca na camiseta de apenas quatro atletas que treinam no estado (as que participaram dos Jogos Paralímpicos). Destaca que o governo de Goiás não financia, nem apresenta algum auxílio para quem está iniciando na modalidade. “Não dá para viver do vôlei sentado e tem que ter outro emprego e tentar conciliar” (JANI, 2018, p. 12). Por fim, Jani explica que a verba que as quatro referidas atletas recebem do projeto Proesporte é destinada para fazerem os uniformes, comprarem bolas, redes e atenderem a outros gastos, como o auxílio transporte para o treinador da equipe.

Jani continua sua fala dizendo que o esporte anda mais valorizado, mas que o esporte individual tem mais visibilidade, pois um atleta como um nadador participa de seis provas e nas seis provas tem chances de medalha. Portanto, as pessoas e entidades que se propõem a investir no esporte paralímpico acabam direcionando os seus recursos ao atletismo e natação. Esta questão é abordada no estudo de Marques et al (2014), o qual apontam estas duas modalidades como o “carro-chefe” do esporte paralímpico brasileiro, obtendo maior espaço nas mídias impressas e digitais em detrimento das demais modalidades paralímpicas, especialmente, as coletivas. Entretanto, vale a ressaltar de que o esporte paralímpico ainda possui reduzida visibilidade nos veículos de comunicação, implicando no baixo interesse por apoiadores e patrocinadores aos atletas com deficiência, principalmente, nas seleções de base.

Jani ressaltou, ainda, que é difícil aprender a prática do voleibol sentado em seu formato institucionalizado, porque, normalmente, as pessoas aderem à modalidade após adquirirem uma deficiência física, causada por acidente automobilístico, por exemplo. De tal modo, “tem que se familiarizar até com o gesto” (JANI, 2018, p. 14). Segundo a fala da atleta, as dificuldades para se aprender os gestos técnicos do voleibol sentado, dentre outros movimentos para a prática, parecem influenciar as pessoas a se engajarem ou na modalidade. Uma vez que o número de adeptos é pequeno, a conquista de apoios de diversas naturezas é dificultada.

No que diz respeito às bolsas, Ádria destaca que teve alguns períodos em que optou por se dedicar exclusivamente aos treinos do voleibol sentado no seu estado (Goiás). A atleta tem bolsa atleta paralímpica, bolsa do estado de Goiás e do projeto Proesporte. Destacou que a bolsa não é creditada imediatamente após contratação e que chegou há ficar dois anos sem receber. Ela explica que a pessoa que irá ganhar a bolsa tem que estar ciente que para ganhar bolsa tem que ter *ranking*. Porém, percebe que tem um investimento no esporte paralímpico e dá o exemplo de que quando começou, há 12 anos, tinha que viajar de ônibus, hoje é de avião. Conforme Godoy (2017, p. 7):

Com o CPB e as leis de incentivo ao desporto adaptado, mudou a forma de planejar, treinar e competir, e vieram as maiores transformações, passando pelo amadorismo até chegar ao esporte de alto rendimento e os resultados que obtivemos nos últimos Jogos Paralímpicos Rio 2016 (GODOY, 2017, p. 7).

A atleta Gizele nos apresentou que não consegue se manter pela seleção brasileira, mas consegue com o clube (SESI), em termos financeiros. A Atleta recebe do suporte financeiro do clube SESI, a bolsa atleta e um patrocínio. De acordo com Gizele (2018), que quando entrou no SESI, no ano de 2009, iniciou ganhando uma bolsa auxílio, com um contrato de um ano, que poderia ser renovado. Suellen, atleta do mesmo clube, narra como funciona esse suporte financeiro por parte do clube que as Atletas 3 e 5 representam:

[...] era um contrato de um ano e daí o contrato era renovado, daí aumentava ou diminuía o salário de acordo com o rendimento... Assim, dependia muito de você... É quem joga mais, ganha mais, quem joga menos, ganha menos. E aí, agora, a gente é contratada, assinou carteira, tudo, mas é da mesma forma. Quem joga mais, ganha mais, quem joga menos, ganha menos (SUELLEN, 2018, p. 15).

Em relação à Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes, Suellen (2018) diz que o momento que tiveram mais verbas foi no período anterior aos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, mais especificadamente durante os 4 anos anteriores. A atleta Paula citou: “não dá para ficar só com a bolsa atleta” (PAULA, 2018, p. 5). Jani traz em seu relato o que pensa sobre essa temática: “preciso viajar, preciso ser convocada, manter a bolsa, renovar minha bolsa, preciso ganhar, preciso... é isso... infelizmente” (JANI, 2018, p. 12). Apesar da pressão pelo alto desempenho esportivo representada na fala mencionada, Jani relatou emocionada: “o que sou hoje é por causa do voleibol sentado” (JANI, 2018, p. 13) e diz:

[...] Lá do interior, lá de Eldorado do Norte, Goiás, menina do interior, né, saiu, sofreu um acidente, nunca... na escola, eu adorava fazer esporte, mas nunca pensei na minha vida, que eu ia tá na seleção brasileira. Ainda mais velha, né, porque se começa geralmente como criança, né? (JANI, 2018, p. 13).

Da mesma forma, ao finalizar a entrevista com a atleta Suellen, esta diz que a sua vida é dividida entre antes de conhecer o treinador Ronaldo que à levou para o voleibol sentado e depois disso. Onde completa expondo sobre as oportunidades e experiências que vivenciou com e pela modalidade:

Depois do vôlei eu tive a oportunidade de fazer a faculdade, tive a oportunidade de mudar de cidade, oportunidade de conseguir entrar, passar no concurso da prefeitura e além de tudo, conhecer vários lugares, apesar de que a gente conhece o hotel, a quadra e o aeroporto, só, risos... mas ter a possibilidade de viajar, de participar

desse mundo, que é gigantesco, conhecer pessoas que estão engajadas no esporte, atletas de alto nível que, às vezes, você via no *youtube*, tão ali, jogando contra você, e até aquele frio na barriga que é delicioso, né? (SUELLEN, 2018, p. 19).

No mesmo sentido, Gizele, chorando de emoção ao falar, tanto sobre o esporte que pratica atualmente – o voleibol sentado –, quanto lembrando de suas experiências no voleibol convencional, conta que “a vida toda eu dedico ao vôlei” (GIZELE, 2018, p. 24) e comenta:

Tudo o que eu quis na minha vida era ser uma atleta de seleção brasileira, então é a minha vida. Choro... Desculpa! ...Cara vou te falar que o esporte é minha vida, eu não me vejo fora do esporte jamais, e... Eu posso te dizer que o esporte corrige qualquer coisa, ele corrige sua deficiência, se você é deficiente você tem oportunidade. Por ser deficiente, um esporte olímpico você não consegue fazer. Tudo o que eu adquiri foi através do esporte, então eu posso te dizer que é meu oxigênio, é o que eu respiro o que eu transpiro e nossa... Eu ficaria aqui só falando da minha vida, minha vida, minha vida... É o que eu consigo pra conquistar os meus sonhos, é o que me leva pra lugares jamais imaginados. Que me leva pra perto de atletas que jamais imaginaria conhecer, famosos, que eu admiro, é... Então, eu só tenho a agradecer a essa modalidade, em especial ao vôlei, ao vôlei, vôlei mesmo... (GIZELE, 2018, p. 24).

Cabe ressaltar que, apesar das atletas comentarem que há dificuldades relacionadas aos apoios financeiros, os mesmos contribuem para a permanência das atletas em treinamentos e competições, bem como o carinho que elas apresentam relacionado à modalidade do voleibol sentado. As mesmas contam, ao longo de suas entrevistas, que percebem maior incentivo do governo para o esporte paralímpico atualmente, se comparado a outros períodos históricos. Nesta pesquisa foram entrevistadas cinco atletas, dentre essas três que residem/treinam no estado de São Paulo e duas residem/treinam em Goiânia. Portanto, os contextos que conseguimos compreender fazem relação aos clubes, políticas e locais específicos. As entrevistas foram coletadas em 2018, isso significa que, atualmente, aspectos relacionados aos suportes financeiros podem ter se modificado. Porém, ao que apresentam os indícios oriundos das cinco entrevistas realizadas para esta pesquisa, apenas o clube SESI-SP remunera as atletas da seleção brasileira de voleibol sentado por treinarem e representarem o clube e apenas o estado de Goiás direciona verba para o esporte paralímpico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou os percursos de atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado que participaram de Jogos Paralímpicos nas edições de 2012, em Londres, e de 2016, no Rio de Janeiro. Notou-se que a iniciação esportiva das atletas entrevistadas na modalidade do voleibol sentado se deu, predominantemente, na vida adulta – após adquirirem deficiência física. Os primeiros contatos com a prática sucederam por indicações médica, de treinadores e de outros profissionais que conheciam e reconheciam a modalidade como adequada para os tipos de deficiência das cinco atletas investigadas. Ademais, a iniciação foi motivada por entidades esportivas que vislumbraram nestas mulheres, o potencial para a carreira paralímpica no voleibol sentado.

Os períodos de iniciação esportiva, identificados entre 2005 e 2011, demarcam momentos em que a iniciação esportiva era amplamente influenciada pelos “olheiros” de entidades relativas às modalidades paralímpicas no Brasil, a exemplo dos resultados deste estudo. Atualmente, pode-se dizer que as pessoas com deficiência contam com iniciativas para iniciação às modalidades paralímpicas desde a idade escolar em diversas regiões do Brasil. Um exemplo disto, é o Centro de Formação Esportiva, – ação desenvolvida, pelo CPB, à crianças e jovens com deficiência –, no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo, desde o ano 2018. Escolas e associações esportivas, por exemplo, também desenvolvem ações deste viés em nível municipal e estadual. Apesar disso, tem-se que, principalmente, as modalidades coletivas ainda dependem muito da “busca” de atletas elegíveis por treinadores e outras pessoas envolvidas com entidades interessadas em seu fomento. A modalidade do voleibol é um exemplo disto, na qual é comum haver pessoas com deficiência que migram para outras modalidades paralímpicas por não dispor de equipe para treinar em seus municípios e estados.

As atletas participantes deste estudo destacaram, em suas narrativas, que o esporte paralímpico contribuiu para suas reabilitações (no caso das atletas com deficiência adquirida), para as questões de lazer e/ou de socialização, para suas saúdes, bem como lembraram/memoraram suas histórias nas aulas de educação física escolar. Nas falas das atletas paralímpicas entrevistadas, percebemos que, no voleibol sentado, a faixa etária não foi um fator que influenciou para o início da

prática esportiva paralímpica. Também podemos perceber que as atletas que tiveram a vivência e experiência com o voleibol na educação física escolar, apresentam em seus discursos a relevância de terem esse conhecimento, enquanto as que não tiveram essa aproximação com a modalidade convencional na escola, discorrem a dificuldade maior na fase de transição para o voleibol sentado. A partir das narrativas das atletas, foi possível identificar que as pessoas sem deficiência que possuem conhecimentos sobre os esportes adaptados e os paralímpicos contribuem para que as pessoas com deficiência se aproximem desse movimento.

O movimento paralímpico tem se alastrado e está melhorando em questões de visibilidade, quando relacionados ao passado. Percebemos que ainda há muito a ser difundido, mas que a relevância desta temática é indiscutível. Conduzir essa investigação com as lentes da história cultural, permitiu que interpretássemos os benefícios da prática esportiva e os cenários que abarcam as experiências das atletas da seleção brasileira de voleibol sentado, compreendendo como foi para essas cinco atletas o processo de iniciação esportiva, seus percursos, as suas memórias ligadas as competições esportivas e sobre os suportes financeiros no esporte paralímpico.

Na história do esporte, mais especificadamente com o viés da História Cultural, entendemos que as versões que são trazidas pelos personagens que estão envolvidos com os eventos são importantes de ser destacados, divulgados e compreendidos. Nesse sentido, questões a partir da história do voleibol sentado podem ser levantadas para caminhos futuros de reflexão, como por exemplo: se no ano de 2002 houve um torneio oficial, – realizado na cidade de Mogi das Cruzes, no estado de São Paulo –, é possível que existissem, anteriormente, manifestações do voleibol sentado no país. Todavia, neste estudo, não foram localizados vestígios que apontassem início da prática anteriormente ao ano de 2002 no Brasil, de modo que os indícios sugerem que o voleibol sentado no Brasil teve seu início nas competições.

Ao discutir sobre motivos que caracterizam a permanência das atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado na prática esportiva, podemos destacar que todas relataram que gostam de treinar e jogar/competir. Apesar de que, no início, tenham buscado incluir-se no esporte, a modalidade fez elas se encantarem pela prática. Fica evidenciado, por todas entrevistadas, que o motivo

principal da permanência na prática desportiva é o amor ao esporte, a gratidão por ter sido este esporte a modificar suas vidas e dar-lhes sentido, principalmente àquelas que sofreram amputações. As atletas sublinham que tudo o que conseguiram na vida foi devido ao esporte: casa, respeito, amizades, viagens, conhecer novas pessoas, ou seja, o esporte causou ressignificações em suas vidas.

As atletas também destacam a importância de terem tido a oportunidade de representar o Brasil em megaeventos, principalmente nos Jogos Paralímpicos. Consideramos que este trabalho possa ser realizado com a comissão técnica bem como com outras atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado, o que traria mais informações para a discussão. Deste modo, entendemos que há, também, limitações neste trabalho, uma delas é o fato de que foi realizada somente uma entrevista com cada atleta. Os relatos e as conseqüentes lembranças que emergem das perguntas e respostas, ao serem novamente ativados, nos trariam novas passagens e expressões que complementaríamos diversos aspectos do trabalho. Para trabalhos futuros, destacamos a possibilidade de interpretar testemunhos de outros personagens que se envolvem com a prática do voleibol sentado de alto rendimento, como treinadores, gestores, atletas, entre outros, compreendendo a importância de valorizar as experiências e preservar a memória paralímpica brasileira.

REFERÊNCIAS

ABRAÇO ATLETA COM DEFICIÊNCIA ADQUIRIDA E MEMBRO DA COMISSÃO TÉCNICA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL SENTADO. Acervo pessoal da Gizele. 2019.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 155-202.

ALMEIDA, Leonardo Pinto de; ATALLAH, Raul Marcel Filgueiras. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 11, n. 2, p.203-218, dez. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982008000200003>. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 de junho de 2019.

ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA DE VOLEIBOL SENTADO NA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS PARALÍMPICOS DO RIO 2016. Acervo pessoal de Ádria. 2019.

BARROS, José Costa D'Assunção. A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p.38-63, 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/index>. Acesso em: 05 de agosto de 2018.

BARROS, José Costa D'Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa Histórica. **Mouseion**, Canoas, n. 12, p.129-159, ago. 2012.

BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. Paralimpíadas Escolares (2006-2018): Evidências em mídias digitais acerca do evento esportivo. **Recorde - Revista de História do Esporte**, v. 12, n. 1, p. 1-42, 2019.

BATISTA, Jani Freitas. Memórias esportivas. Entrevista cedida a Vitória Sanchotene. Goiânia, 20 de out de 2018. 52min03seg.

BEGOSSI Tuany Defaveri, MAZO, Janice Zarpellon. O percurso esportiva das mulheres pioneiras no cenário paralímpico sul-rio-grandense. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 24, n.4, p.143-155, 2016.

BERTOLDI, Rafaela; et al. Esporte Paralímpico e possíveis fatores determinantes do desempenho esportivo: estudo de caso. **Motricidade**, Portugal, v. 14, n. S1, p. 254-262, 2018.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, jan. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004**. Acesso em 10/06/2018, disponível em Lei Bolsa-atleta: Institui a Bolsa-Atleta. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/lei/l10.891.htm. Acesso em: 10 de junho de 2019.

BRASIL. **Lei nº 13146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 10 de junho de 2019.

BRASIL. Ministério do Esporte **Programa Bolsa Atleta**. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/sobre.jsp>. Acesso em: 04 abr. 2019.

BRASIL, **Lei nº10.264, de 16 de julho de 2001**. Lei Agnelo/Piva. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10264.htm. Acesso em 10/06/2018.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Vinícius Denardin. **O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil**. 2016. 217 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CARDOSO, Vinicius Denardin; GAYA, Adroaldo Cesar. A classificação funcional no esporte paralímpico. **Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp**, Campinas, v. 12, n. 2, p.132-146, jun. 2014.

CARDOSO, Vinícius Denardin *et al.* A contribuição da mídia na construção dos ídolos paralímpicos brasileiros. **Brazilian Journal of Education, Technology and Society** [S.l.], v. 11, n. 1, p.78-86, 31 mar. 2018. Disponível em: <http://brajets.com/index.php/brajets/article/view/471/245>. Acesso em: 25 de setembro de 2018.

CARDOSO, Vinícius Denardin *et al.* Esporte paraolímpico no Brasil: de sua estruturação a sua consolidação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n. 16, p.59-72, 2017.

CARLOS, Neide Maria; MARQUES, José Carlos. Um olhar sobre a representação midiática das musas dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 no portal Lance! *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017. Curitiba: Intercom, 2017. p. 1 - 15.

CARVALHO, Camila Lopes; GORLA, José Irineu; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Voleibol Sentado: do conhecimento à iniciação da prática. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp**, Campinas, v. 11, n. 2, p.97-126, abr./jun. 2013.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.

CPB - COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **[Site]**. Disponível em: http://www.cpb.org.br/modalidades-visualizacao/-/asset_publisher/4O6JOgZOhDhG/content/id/22855. Acesso em 31/05/2018.

CPB - COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Jogos paralímpicos: Resultados do Brasil**. 2019. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/competicoes/jogosparalimpicos>. Acesso em: 30 jun. 2019.

CPB - COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Voleibol Sentado**. 2016. Disponível em: http://www.cpb.org.br/modalidades-visualizacao/-/asset_publisher/4O6JOgZOhDhG/content/id/22855. Acesso em: 30 jun. 2018.

CONDE, António João Menescal. **Memória Paralímpica**. São Paulo: Comitê Paralímpico Brasileiro, 2018. 1 v.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

DANTAS, José Agtônio Guedes. Ciclo de debates em estudos Olímpicos e Paraolímpicos. Os desafios do voleibol sentado feminino para os Jogos do Rio 2016. Organização: OLIVEIRA, Ailton Fernando Santana de; HAIACHI, Marcelo de Castro. **Diferentes olhares dos Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores**. Aracaju: Diário Oficial do Estado de Sergipe, 2018. p. 1-378.

DELEGAÇÃO BRASILEIRA FEMININA NO NOS JOGOS PARALÍMPICOS EM LONDRES 2012. Acervo pessoal de Suellen. 2019.

DELEGAÇÃO BRASILEIRA FEMININA NO ANO DE 2016 NOS JOGOS PARALÍMPICOS NO RIO DE JANEIRO. Acervo pessoal de Ádria. 2019.

DIAS, Gizele Maria da Costa. Memórias esportivas. Entrevista cedida a Vitória Sanchotene. São Paulo, 30 de out de 2018. 59min36seg.

EMOÇÕES EM UMA PARTIDA NOS JOGOS PARALÍMPICOS DO RIO 2016. Acervo pessoal de Ádria. 2019.

FERREIRA, Alan de Carvalho Dias *et al.* Financiamento do esporte paralímpico no Brasil: convênios. **Brazilian Journal of Education, Technology and Society**, [S.l.], v. 11, n. 1, p.22-36, 31 mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.14571/brajets.v11.n1>. Disponível em: <http://brajets.com/index.php/brajets/article/view/476>. Acesso em: xxxxxxxx

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

GIOIA, Fernanda Menegassi; SILVA, Paula Ferreira Rodrigues da; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. O voleibol sentado: uma reflexão bibliográfica e histórica. **Efdeportes**, Buenos Aires, v. 13, n. 125, p.1-1, out. 2008.

GODOY, Mariana Rodrigues Bighetti. **O esporte paralímpico no Brasil: do amadorismo ao profissionalismo**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. Bauru, 28p., 2017.

HERTS, Paula Angeloti. Memórias esportivas. Entrevista cedida a Vitória Sanhotene. Goiânia, 20 de out de 2018. 33min18seg.

HAIACHI, Marcelo de Castro. **O curso de vida do atleta com deficiência: a deficiência e o esporte como eventos marcantes**. 2017. 240 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

HAIACHI, Marcelo de Castro *et al.* Indicadores de desempenho no voleibol sentado. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 25, n. 3, p.335-343, 3 out. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v25i3.19845>. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/19845>. Acesso em 05/05/2018.

HAIACHI, Marcelo de Castro *et al.* Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p.2999-3006, out. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016001002999&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 07/05/2018.

HOLDEN, Shelley L.; FORESTER, Brooke E.; BLAKE, J. Elliot. **National Center On Health, Physical Activity And Disability** (NCHPAD). Disponível em: <http://www.nchpad.org/1073/5477/Sitting~Volleyball~A~Skill~Enhancing~and~Physically~Demanding~Activity>. Acesso em: 22 jun. 2017.

IPC - INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Classification: Fair and equal competition**. 2015. Official Website of the Paralympic Movement. Disponível em: <https://www.paralympic.org/classification>. Acesso em: 30 jun. 2019.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Campinas: São Paulo: UNICAMP, 1990.

LIMA, Suellen Cristina Dellangelica. Memórias esportivas. Entrevista cedida a Vitória Sanhotene. Goiânia, 20 de out de 2018. 55min58seg.

LOPES FILHO, Brandel; FROSI, Tiago; MAZO, Janice. Jogos Paraolímpicos de Pequim em 2008: reconstruindo a participação das atletas brasileiras. **Revista Didática Sistêmica**, v. 12, p. 64-80, 2010.

LOPEZ, Immaculada. **Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local/** 2008. São Paulo: Museu da Pessoa; Senac São Paulo, 2008.

LYRA, Vanessa; MAZO, Janice. José da Silva e a Educação Física catarinense: memórias do aluno, memórias do mestre (SUB). **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 14, p. 141, 2010.

MALAFAIA, Marcos. **2004 o ano que mudou o rumo do Brasil: o paradesporto antes e depois dos Jogos de Atenas**. Rio de Janeiro (RJ): Editora Irium; 2016.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues *et al.* Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 583-596, 2013.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; *et al.* A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 989-1015, jul./set., 2014.

MEDALHA DE BRONZE DA SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA DE VOLEIBOL SENTADO NO PRÉ-MUNDIAL DO ANO DE 2017. Acervo pessoal de Gizele. 2019.

MENDES, Fernando Cordeiro Vilar. **Caracterização da cinemática de paratletas no voleibol sentado**. 2015. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

MUÑOZ GALÍNDEZ, E.; MONTES MORA, S. Voleibol sentado: un deporte que da sentido a la vida. **Educación Física y Ciencia**, v. 19, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/EFyCe019>. Acesso em: 15 jun. 2018.

PALACIOS, Jenica María Herrera *et al.* Fisioterapia y balance en deportistas de voleibol sentado en la Selección Colombia de Voleibol Sentado rama masculina. **Revista Cubana de Investigaciones Biomédicas**, Ciudad de La Habana, v. 4, n. 33, p.344-354, set. 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy *et al.* **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

REGISTRO DE UNIÃO E FORÇA NA EQUIPE DA SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA DE VOLEIBOL SENTADO. Acervo pessoal de Suellen. 2019.

REIS, Rafael Estevam. **Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

REIS, Rafael Estevam; MEZZADRI, Fernando Marinho; SILVA, Marcelo Moraes e. As políticas públicas para o esporte paralímpico no Brasil: apontamentos gerais. **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá. v. 21, n. 1, p. 58-69, jan. 2017.

SELEÇÃO BRASILEIRA EM COMPETIÇÃO COM O APOIO DO MINISTÉRIO DO ESPORTE. Acervo pessoal de Jani. 2019.

SANCHOTENE, Vitória Crivellaro; MAZO, Janice Zarpellon. Voleibol sentado: análise da produção científica brasileira. **Revista Thema**, Pelotas, v. 15, n. 2, p.563-574, 20 maio 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.15536/thema.15.2018.563-574.804>. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/804>. Acesso em: 07 jun. 2018.

SANCHOTENE, Vitória Crivellaro; HAIACHI, Marcelo de Castro; MAZO, Janice Zarpellon. Voleibol sentado feminino: em busca de achados sobre as mulheres atletas. Anais do VI Congresso Paradesportivo Internacional. São Paulo, suplemento Revista Brasileira de Medicina do Esporte, v. 24, n. 6, nov./dez., 2018, p.129.

SCHMITT, Beatriz Dittrich *et al.* **Produção científica sobre esporte adaptado e paralímpico em periódicos brasileiros da educação física.** Kinesis, Santa Maria, v. 35, n. 3, p.68-79, 13 dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2316546427494>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/27494>. Acesso em: 07 jun. 2018.

SILVA, Ádria Jesus da. Memórias esportivas. Entrevista cedida a Vitória Sanchotene. Goiânia, 20 de out de 2018. 1h03min25seg.

SILVA, Gisele Pereira da. **A configuração atletas e ex-atletas paraolímpicas da cidade de Curitiba.** 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SIMIM, Mário Antônio de Moura *et al.* O estado da arte das pesquisas em esportes coletivos para pessoas com deficiência: uma revisão sistemática. **Arquivos de Ciências do Esporte**, Uberaba, v. 6, n. 1, p.3-7, 16 jun. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.17648/aces.v6n1.2526>. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/aces/article/view/2526>. Acesso em: 04 maio 2019.

STAKE, Robert E. **Pesquisa Qualitativa:** estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011. 263 p.

VAMPLEW, Wray. The history of sport in the international scenery: an overview. **Revista Tempo**, Niterói, v. 17, n. 34, p.5-17, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5533/tem-1980-542x-2013173402>. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/site/wp-content/uploads/2013/06/v17n34a02.pdf>. Acesso em: 04 maio de 2019.

VIANA, Márcia Rafaella Graciliano dos Santos; CHAVES, Lucas Tavares dos Santos; PEREIRA, Thalles Albert Jarsen de Melo Santos. Pessoas com deficiência física e os benefícios da prática do vôlei sentado. *In*: ENCONTRO ALAGOANO DE EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA, 6., 2015, Alagoas: **[Anais...]**, 2015. p. 1 - 4.

VICCARI, Gabriely Souza; MATTES, Verônica Volski. Construções e transições de carreira no esporte adaptado: um estudo de caso com uma atleta paralímpica da

seleção brasileira do voleibol sentado. **Revista da Sobama**, Marília, v. 19, n. 2, p.89-102, dez. 2018.

WORLD PARAVOLLEY. **Sitting volleyball**. Disponível em:
<http://www.worldparavolley.org/disciplines/sitting-volleyball/>. Acesso em: 22 jun. 2017.

APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA

Dados de Identificação:

Nome Completo: _____

Apelido: _____

Você autoriza a utilização do seu nome ou apelido na pesquisa?

Data de Nascimento: _____/_____/_____.

Naturalidade: _____

Endereço residencial: _____

Telefone: () _____

E-mail: _____

Facebook: _____

Instagram: _____

Sobre a prática esportiva:

- 1) Como foi o teu início na prática do voleibol sentado. Qual ano? Com qual idade? Quais ou quais clubes que já representou?
- 2) Explica sobre a tua deficiência. É adquirida ou congênita? E qual a classificação funcional?
- 3) Você possui Bolsa Atleta?
- 4) Descreva a sua trajetória na seleção brasileira de voleibol sentado. Esta participando desde que ano?
- 5) Poderia mencionar alguns desafios ou dificuldades da tua trajetória na prática esportiva?
- 6) Poderia mencionar algumas conquistas da tua trajetória na prática esportiva?
- 7) O que representa para você ter participado dos Jogos Paralímpicos e que momentos da sua participação destacaria?
- 8) O que mudou na sua vida após a participação nos Jogos Paralímpicos?
- 9) O que significou para você a conquista da medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos?
- 10) Como você percebe o desenvolvimento do Esporte Paralímpico no Brasil?
- 11) Tu terias algumas imagens e outros materiais (reportagens de jornais e revistas) do teu acervo pessoal para digitalizarmos e utilizarmos na pesquisa?
- 12) Você gostaria de falar algo que não foi perguntado na entrevista? Sinta-se à vontade, este espaço é seu.

APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Porto Alegre, 12 de outubro de 2018.

A/C: Ângelo Alves Neto
Presidente da Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes.

REF.: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Venho, por meio desta, solicitar autorização para a realização de entrevistas semiestruturadas e gravadas com atletas e treinadores da seleção brasileira de voleibol sentado durante o período do Campeonato Brasileiro Feminino de Voleibol Sentado - 2º fase, que será realizado na cidade de Goiânia no período de 19 a 21 de outubro. As entrevistas serão realizadas pela aluna Vitória Crivellaro Sanchotene do curso de mestrado com a finalidade de coletar informações para sua pesquisa intitulada: “ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA DE VOLEIBOL SENTADO (2012/2016): narrativas e itinerários”, a qual é orientada pela Professora Doutora Janice Zarpellon Mazo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Este projeto de pesquisa integra um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Esportes adaptados e esportes paralímpicos no Brasil: estudos histórico-culturais e psicossociais”, aprovado pela Comissão de Pesquisa da ESEFID/UFRGS e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CEP/UFRGS) sob o protocolo número 27.331. Deste modo, solicitamos o acesso da aluna de mestrado Vitória Crivellaro Sanchotene, do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da ESEFID/UFRGS, às atletas e aos treinadores no período de 19 a 21 de outubro para a realização das entrevistas.

Estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Desde já, agradecemos a atenção.

Janice Zarpellon Mazo

Profª. Drª. do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Coordenadora do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) e do Observatório do Esporte Paralímpico da ESEFID/UFRGS.

E-mail: janice.mazo@ufrgs.br

APÊNDICE C – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE O VOLEIBOL SENTADO DE ALTO RENDIMENTO NO BRASIL

Quadro 5 – Listagem de estudos sobre voleibol sentado achados em plataformas de buscas.

Plataforma de busca	Resultados encontrados com o termo “voleibol sentado”	Estudos utilizados nesta pesquisa
Google acadêmico	344	<p>CARVALHO, Camila Lopes; GORLA, José Irineu; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Voleibol Sentado: do conhecimento à iniciação da prática. Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, v. 11, n. 2, p.97-126, abr./jun. 2013.</p> <p>GIOIA, Fernanda Menegassi; SILVA, Paula Ferreira Rodrigues da; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. O voleibol sentado: uma reflexão bibliográfica e histórica. Efdeportes, Buenos Aires, v. 13, n. 125, p.1-1, out. 2008.</p> <p>HAIACHI, Marcelo de Castro <i>et al.</i> Indicadores de desempenho no voleibol sentado. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 25, n. 3, p.335-343, 3 out. 2014. Universidade Estadual de Maringá.</p> <p>SANCHOTENE, Vitória Crivellaro; MAZO, Janice Zarpellon. Voleibol sentado: análise da produção científica brasileira. Revista Thema, Pelotas, v. 15, n. 2, p.563-574, 20 maio 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.15536/thema.15.2018.563-574.804.</p> <p>SIMIM, Mário Antônio de Moura <i>et al.</i> O estado da arte das pesquisas em esportes coletivos para pessoas com deficiência: uma revisão sistemática. Arquivos de Ciências do Esporte, Uberaba, v. 6, n. 1, p.3-7, 16 jun. 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.17648/aces.v6n1.2526.</p> <p>VIANA, Márcia Rafaella Graciliano dos Santos; CHAVES, Lucas Tavares dos Santos; PEREIRA, Thalles Albert Jarsen de Melo Santos. Pessoas com deficiência física e os benefícios da prática do vôlei sentado. <i>In: ENCONTRO ALAGOANA DE EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA</i>, 6., 2015, Alagoas. [Anais...], 2015. p. 1 - 4.</p> <p>VICCARI, Gabriely Souza; MATTES, Verônica Volski. Construções e transições de carreira no esporte adaptado: um estudo de caso com uma atleta</p>

		paralímpica da seleção brasileira do voleibol sentado. Revista da Sobama , Marília, v. 19, n. 2, p.89-102, dez. 2018.
Lume	330	CARDOSO, Vinícius Denardin. O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil . 2016. 217 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. HAIACHI, Marcelo de Castro. O curso de vida do atleta com deficiência: a deficiência e o esporte como eventos marcantes . 2017. 240 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
Scielo	4	HAIACHI, Marcelo de Castro <i>et al.</i> Indicadores de desempenho no voleibol sentado. Revista da Educação Física/UEM , Maringá, v. 25, n. 3, p.335-343, 3 out. 2014. MUÑOZ GALÍNDEZ, E.; MONTES MORA. Voleibol sentado: un deporte que da sentido a la vida. <i>Educación Física y Ciencia</i> , v.19, n. 1, 2017. PALACIOS, Jenica María Herrera <i>et al.</i> Fisioterapia y balance en deportistas de voleibol sentado en la Selección Colombia de Voleibol Sentado rama masculina. Revista Cubana de Investigaciones Biomédicas , Ciudad de La Habana, v. 4, n. 33, p.344-354, set. 2014.

APÊNDICE D – PUBLICAÇÕES DE ARTIGOS EM PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Quadro 6 – Listagem de artigos sobre voleibol sentado em periódicos da área da Educação Física.

Periódico	Qualis	Referências encontradas	Referência utilizada
Movimento (UFRGS)	A2	0	0
Motriz: Revista de Educação Física	B1	0	0
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (USP)	B1	6	0
Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) ²⁵	B1	19	0
Revista da Educação Física (UEM)	B1	1	HAIACHI, Marcelo de Castro <i>et al.</i> Indicadores de desempenho no voleibol sentado. Revista da Educação Física/UEM , Maringá, v. 25, n. 3, p.335-343, 3 out. 2014.
Recorde: Revista de História do Esporte	B4	0	0

²⁵ Nenhum artigo se tratava de voleibol sentado de alto rendimento. Os assuntos em questão discutiam sobre voleibol sentado escolar e para idosos.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da dissertação de mestrado intitulada “ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA DE VOLEIBOL SENTADO (2012/2016): narrativas e itinerários” por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O objetivo da pesquisa é investigar os percursos históricos das atletas que fizeram parte das seleções brasileiras feminina de voleibol sentado, das edições dos Jogos Paralímpicos de 2012, em Londres, e dos Jogos Paralímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.

Se você concordar em participar deste estudo, responderá a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado pela pesquisadora Vitória Crivellaro Sanchotene sob orientação da Professora Doutora Janice Zarpellon Mazo, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato e respostas são muito importantes para que possamos levantar informações necessárias para nosso estudo, a partir da visão de quem pratica, praticou ou vivencia essa modalidade paralímpica. Para tanto, requeremos seu assentimento para responder a entrevista, pois esta poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz.

Informamos, também, que sua entrevista será transcrita integralmente. Finalizada a transcrição, se for do seu interesse, retornaremos o documento para o senhor (a), para sua revisão e seu consentimento de publicação dos resultados. Solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, além de eventuais Imagens, para a produção de projetos audiovisuais (vídeo clipes, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.) para a divulgação das memórias do esporte paralímpico do Brasil. Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que

isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais *online* do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) e do Observatório do Esporte Paralímpico da ESEFID/UFRGS, bem como no *site* do mesmo, de livre acesso, o qual possui a finalidade de preservar e divulgar a memória do Esporte Adaptado e do Esporte Paralímpico Brasileiro.

Informamos ainda, que o(a) senhor(a) não terá custos financeiros e nem será remunerado(a) por sua participação. No entanto, adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre exista a possibilidade de riscos. Esperamos por meio das ações veiculadas a este projeto, preservar a memória paralímpica brasileira e produzir novos conhecimentos; divulgando os resultados no meio acadêmico e esportivo, contribuindo para o desenvolvimento do Esporte Paralímpico no Brasil.

Caso o (a) senhor (a) tenha dúvidas ou *necessite* de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a pesquisadora responsável pelo projeto, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones (51) 99579428/33883031, ou no endereço eletrônico janmazo@terra.com.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone 3308.3629 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor (a).

_____, ____ de _____ de 2018.

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em responder a entrevista e participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.
--

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Assim, permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.
